

Silvia Cavalcanti Pereira Lima

O NOME, O OLHAR E A PALAVRA

Uma reflexão sobre a importância do nome na constituição do sujeito

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2010

Silvia Cavalcanti Pereira Lima

O NOME, O OLHAR E A PALAVRA

Uma reflexão sobre a importância do nome na constituição do sujeito

Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para a
graduação no curso de Psicologia,
sob orientação do Prof^ª. Dr^ª Paula
Regina Peron

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2010

Felizmente são muitas as pessoas a quem gostaria de agradecer por este trabalho, que é resultado de um longo percurso de minha formação acadêmica na PUC-SP.

Agradeço à minha mãe, Ivany, e ao meu irmão, Luís, por me apoiarem no desafio de iniciar uma nova faculdade, quando eu já era uma jornalista. E, mais, por compreenderem que, apesar de uma carreira profissional que já se esboçava em 2003, aquela não era a minha direção.

Não poderia deixar de lembrar de minhas queridas amigas Gabi, Júlia e Pat, que também acompanharam essa mudança em meu percurso e me ajudaram a seguir nessa nova trajetória, cada uma a seu jeito. Obrigada, Julia e Luís, pelas conversas e reflexões que, de alguma forma, fortaleceram minha dedicação nesta faculdade.

Aproveito, ainda, para agradecer à Denise, Gela e Jairo pelas intensas e desafiadoras conversas frente ao mar de Busca Vida. Obrigada por me apresentarem à Psicanálise.

Obrigada Patrícia, Tereza e Mauricio que sempre mostraram uns dos lados mais bonitos dessa profissão: a dedicação, o empenho em acolher a dor e a alegria do paciente e a sabedoria do escutar. Não poderia, ainda, deixar de agradecer ao Mauricio que, de alguma forma, esteve presente nesta pesquisa.

Com muito carinho, lembro de meus amigos Bela, Dani, Fla, Henry, Juqui, Júri, Juta, Marília e Tiago que sempre fomentaram conversas e discussões dos mais variados assuntos, sempre muito enriquecedoras. E, claro, obrigada por me compreenderem.

Obrigada aos professores que contribuíram para o início da construção de minha identidade como psicóloga. Em especial, agradeço à Paula Peron, minha orientadora neste trabalho, que desde a nossa primeira conversa soube escutar e me auxiliar na difícil, porém gratificante, tarefa de dar forma a um projeto de pesquisa. Obrigada também, Helio, por me receber em sua sala, por me auxiliar nos momentos difíceis e pelas conversas de corredor ao longo de todos estes anos.

Deixo para o fim meu eterno agradecimento ao Gui, meu querido companheiro na jornada da vida, a quem dedico este trabalho.

Em memória de meu pai.

O Nome, o olhar e a palavra – Uma reflexão sobre a importância do nome na constituição do sujeito

Aluna: Silvia Cavalcanti Pereira Lima

Orientador: Profª Drª Paula R. Peron

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é o estudo sobre a função estruturante do nome no que diz respeito à formação do psiquismo do sujeito. Não um nome qualquer, um substantivo comum, mas o nome próprio, aquele que nomeia e diferencia cada um dos demais. Para tanto, são apresentados no capítulo I deste trabalho os conceitos relacionados ao Complexo de Édipo da teoria psicanalítica formulada por Jacques Lacan, compreendendo que é por meio daquele processo que ocorre a constituição do Eu. Ali o leitor encontrará as definições de falo, significante, Estádio do Espelho, bem como dos três tempos do Édipo. O capítulo seguinte é dedicado à apresentação do principal objeto de estudo deste trabalho, o caso do filósofo francês, Louis Althusser, com destaque para o sentido de seu nome. Para tanto são utilizados sua autobiografia, bem como artigos de Luis Carlos Menezes, Mario Fuks e Renato Mezan. O terceiro capítulo traz outros casos encontrados na literatura científica para fundamentar a hipótese proposta nesta pesquisa, como o artigo de Sérgio Telles sobre o adoecimento psíquico de Vincent Van Gogh, o atendimento de Pierre-Marie por Serge Leclair e o relato de Caroline Eiacheff sobre o atendimento das bebês Bella e Zoé. No capítulo Análise é realizada uma reflexão sobre as possíveis identificações dos sujeitos com os significados transpostos em seus nomes e que revelam os desejos inconscientes por parte daqueles que os batizaram. Por último, na seção Considerações Finais são discutidos possíveis desdobramentos deste trabalho no campo da Psicanálise.

Palavras-chaves: *Louis Althusser, Complexo de Édipo, linguagem, nome próprio, Nome-do-Pai, olhar materno.*

Sumário

1. Introdução.....	1
1.1 O ponto de partida.....	4
1.2 Por quê pesquisar Althusser?.....	6
2. Método.....	8
2.1 Sobre a escolha bibliográfica.....	9
2.2 Fundamentos para uma pesquisa em Psicanálise e uma breve apresentação dos casos: Louis Althusser, Van Gogh, Pierre-Marie, Bella e Zoé.....	10
3. Capítulo I: A constituição do sujeito segundo a teoria lacaniana.....	13
3.1 Complexo de Édipo segundo Freud.....	14
3.2 O Complexo de Édipo para Lacan.....	16
3.3 O nome como o signo de um desejo.....	23
4. Capítulo II: O caso Althusser.....	27
4.1 Breve histórico familiar.....	28
4.2 A relação de Louis Althusser com sua mãe e o significado de seu nome.....	29
4.3 A relação com outra mulher – o casamento com Hélène.....	35
4.4 A inexistência, a impronúncia.....	38
5. Capítulo III: Outros nomes.....	43
5.1 Van Gogh e Althusser – algumas coincidências.....	43
5.2 O caso Pierre-Marie e a escuta de um psicanalista sobre a origem do nome.....	44
5.3 Outros casos: Bella e Zoé.....	48
6. Análise.....	53
6.1 O nome como significante de uma falta: Louis Althusser e Van Gogh.....	53
6.2 O nome próprio como um elemento para a compreensão psicanalítica de alguns casos: Pierre-Marie, Bella e Zoé.....	58
7. Considerações finais.....	63
8. Referências Bibliográficas.....	67

Quando enfim eu nasci, minha mãe embrulhou-me num manto
 Me vestiu como se eu fosse assim uma espécie de santo
 (...)

E não sei bem se por ironia ou se por amor
 Resolveu me chamar com o nome do Nosso Senhor. (Trecho
 extraído da música Minha História, de Chico Buarque de Holanda)

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe a relevância do nome como um dos elementos constituintes da subjetividade. Não um nome qualquer, um substantivo comum, mas o nome próprio, o qual nomeia e diferencia cada sujeito dos demais. Aquele que é atribuído pelos pais, ou por quem os represente, e por meio dele expressam o que anseiam para a vida que geraram ou que está sob seus cuidados.

O interesse no estudo desse tema tem origem na importância do nome como um dos elementos constituintes da subjetividade, na medida em que é um significante carregado de história e expectativas. A partir disso, compreende-se a relevância em pesquisar como se constitui o sujeito sob a perspectiva da proposta de psicanálise lacaniana, teoria sobre a qual está fundamentada a tese desta análise.

Para tanto, baseio-me na história do filósofo francês Louis Althusser (1918-1990), pelos motivos que explico a seguir e ao longo desta introdução. O destaque atribuído a Althusser deve-se à influência de seu pensamento não apenas no campo da Filosofia, como também na Psicanálise. Importantes pensadores e psicanalistas ainda se dedicam ao estudo da vida do filósofo na tentativa de compreender os desafios que seu caso apresenta em relação ao método psicanalítico, na medida em que o próprio Althusser se submeteu a um processo de análise, o qual se mostrou insuficiente para evitar o assassinato de sua esposa, Hélène, por ele cometido em 1980, durante um surto psicótico, e antes, auxiliá-lo quanto ao seu sofrimento psíquico, conforme aponta Maria Lucia Vieira Violante (1997):

A par de uma duração de quinze anos, o fracasso da análise de Althusser com Diatkine –seja pela longevidade da duração do processo, por sua incompletude e pela exigüidade dos resultados obtidos, no mínimo, segundo a percepção do próprio paciente (...), entre outros prováveis fatores, pode dever-se a uma dificuldade de escuta por parte do analista(...). Tudo me leva a supor que ele não

revelou, na devida conta, o comprometimento paranóico de seu paciente.
(Violante, 1997: p. 137)

O propósito de estudar o nome próprio como um dos elementos presentes na origem da constituição do sujeito encontra fundamentos teóricos na leitura de Lacan do Complexo de Édipo, na medida em que analisar o nome é lidar com a palavra, falada e escrita, e com os significados traduzidos nessa palavra. Segundo Bernardino (2006), a linguagem é a estrutura que permite ao homem se constituir como um sujeito falante e desejante. O ato de dar um nome é um convite para a criança, que ainda não possui uma linguagem verbal, a fazer parte e compartilhar todo um sistema de símbolos através do qual os homens se relacionam. Dessa forma, o nome pode revelar a posição que um sujeito ocupa no desejo de seus pais, na medida em que o bebê é falado antes mesmo de nascer, portanto habita o imaginário de seus pais antes que estes o conheça, conforme a citação de Bernardino abaixo descrita:

O mundo que um bebê encontra ao nascer é um mundo de linguagem: já falam dele antes mesmo de seu nascimento. Dão-lhe um nome e inscrevem-no em um registro civil. (...) Muito precocemente, passa a reconhecer seu nome e, mais ainda, percebe que o reconhecem nele.
(Bernardino, 2006: p. 25)

Podemos pensar, então, que o nome é um dos significantes através do qual o indivíduo recebe um lugar no mundo e dá início à construção de sua posição de sujeito diante dos outros. É por meio dele que é convocado a participar de uma vida em sociedade, dentro da qual passa a ser reconhecido, através do nome, como indivíduo único e diferente dos demais.

Nomear é inscrever a criança no mundo simbólico, o da palavra e atribuir-lhe história e pertencimento social por meio do nome da família. Ocorrem, nesse processo, dois níveis de inscrição: o da singularidade, por meio do nome que diferencia um indivíduo dos demais; e no plano social, por meio do nome da família que oferece ao sujeito a possibilidade de identificação com um grupo social, que lhe transmitirá uma língua, as tradições e as leis que regulam a comunidade na qual está inscrita. Desta combinação resultará sua subjetividade e seu desejo próprio. (Bernardino, 2006: p. 27)

Neste sentido, dar um nome é todo um programa, um programa de um vir a ser, que define um lugar metafórico para a criança, e que obriga a olhar para o futuro, para o

seu devir. É, portanto, um processo de temporalização e espacialização. Dar um lugar, ou seja, inserir no tempo e na história de um grupo familiar e social.

O processo de subjetivação do bebê se inicia na relação com as figura materna (principalmente) e paterna; através do olhar que lhe é dirigido, do nome que lhe é dado no momento do nascimento e do desejo dos pais em relação àquele filho. É por meio do nome que eles se relacionam com o bebê: inscrevem-no e determinam o primeiro lugar simbólico que deve ocupar no mundo. É possível afirmar que pai e mãe transpõem para o nome os desejos inconscientes em relação à sua prole.

Para a compreensão dos elementos que permeiam a relação entre pais e o filho, o capítulo I deste trabalho, “A constituição do sujeito segundo a teoria lacaniana”, será dedicado ao estudo aprofundado da leitura de Jacques Lacan sobre o Complexo de Édipo, primeiramente formulado por Sigmund Freud. Com o objetivo de situar o leitor na teoria apontada, descrevo nos parágrafos seguintes alguns conceitos utilizados pelo psicanalista francês.

Lacan compara a constituição da própria imagem por parte do bebê a partir da relação com a mãe (o Outro), metaforizando seu olhar como o reflexo de um espelho. Na sua teoria sobre a constituição do Eu, usa a metáfora do espelho para elucidar o papel do olhar materno na construção de uma identidade na criança. Ela busca no olhar materno a confirmação da imagem que serve como um espelho, o que lhe possibilita vivenciar a unificação de seu corpo, ainda que não tenha a capacidade neurológica para fazê-lo. Pode-se pensar que o nome também cumpre essa função unificante se for levado em conta que, assim como o olhar da mãe que dá forma ao corpo do bebê, o nome representa esse corpo no nível da linguagem e o diferencia dos demais.

Nesse sentido há uma relação entre nome próprio e significante, que Lacan denominou de traço unário. Essa relação está baseada na diferença que os três elementos carregam em si. Segundo Dor (1992: p. 74), significante é o próprio traço unário na medida em que ambos operam no sujeito como suporte da diferença, atribuindo-lhe sua unicidade:

O caso exemplar do nome próprio é a ilustração perfeita do pacto decisivo selado, pela embaixada da identificação, entre traço unário, o significante e o sujeito. (Dor, 1992: p. 76)

Portanto, para a relação que a mãe estabelece com a criança, o nome e o olhar têm especial importância, na medida em que possibilitam que o bebê se perceba em sua totalidade.

O menino identifica-se com esta imagem de perfeição: é o bravo, o inteligente, o formoso, o valente, o obediente, o que vai fazer fortuna, o médico famoso. Toma essa identidade como se fosse dele; toma da mãe o desejo de ser isto. (Bleichmar, 1984: p. 29)

Assim, nessa relação, a criança ocupa o lugar do falo, ou seja, o lugar daquilo que é desejado pela mãe e que ela não possui. Segundo Lacan, o falo é o significante da falta e do desejo do outro (Bleichmar, 1984: p. 29). Significante da falta, na medida em que simboliza através de seu filho aquilo que sente ter perdido no processo de castração (Complexo de Édipo) e o que a faria se sentir completa. Todas as insatisfações, frustrações, desejos encontram em seu filho a possibilidade (que na verdade é ilusória) de se realizarem, na medida em que ela é tudo para ele, e vice-versa.

Decorre disso a explicação de porque o falo é também o significante do desejo: é nele (falo) em que estão inscritas as fantasias da mãe, que são transmitidas para o filho através do nome, do olhar, dos gestos, das palavras que lhe dirige. O menino, então, se reconhece (se espelha) no rosto e na expressão da mãe, tomando seus desejos para si. Ao satisfazer as necessidades que acredita serem suas, satisfaz o desejo da mãe.

(...) o significante: a) é um aspecto material; b) que nele, e por meio dele, algo fica inscrito, alguma coisa que é de outra ordem, que há uma transposição. (Bleichmar, 1984: p. 22)

1.1 O ponto de partida

Ouvi pela primeira vez o nome de Louis Althusser quando cursava o primeiro ano da faculdade de Psicologia. Foi em uma aula de Sociologia, na qual a Professora Dr^a Carmen Lucia Valladares M. De Oliveira fez alusão ao autor e aproveitou para contar aos alunos a história de Althusser: um filósofo que aprofunda seus estudos na Psicanálise, aproximando-a do pensamento marxista.

Ainda que envolvido com os estudos da teoria psicanalítica e tendo ele mesmo realizado análise, em um surto psicótico mata sua esposa por estrangulamento no apartamento no qual moravam, dentro da universidade onde lecionava. Mais tarde, durante a internação em um hospital psiquiátrico por ordem do juiz que julgou seu caso, escreve sua autobiografia na qual relata o sofrimento de nunca ter sido judicialmente responsabilizado pelo seu ato homicida. Por conta da impronúncia que lhe foi imposta pelo juiz encarregado de seu processo, Althusser escreve sua autobiografia intitulada O futuro dura muito tempo – seguido de Os Fatos (Companhia das Letras, 1992), não se resignando ao silêncio. Escrever esse livro significava uma resposta ao ato que havia cometido caso houvesse um julgamento.

Ter tomado conhecimento dessa história fez com que eu me interessasse em pesquisar mais profundamente a história de Althusser. Dada a dificuldade em encontrar sua autobiografia, cuja edição em português está esgotada, iniciei a leitura do livro de Marci Passos no qual encontrei mais um aspecto da vida do autor que me chamou a atenção: a origem de seu nome. Relata a autora que a mãe do filósofo, Lucienne Berger, havia sido prometida em casamento para seu tio, Louis Althusser, enquanto Charles (o pai) se casaria com a irmã de Lucienne, Juliette. Louis, porém, é convocado para lutar na 1ª Guerra Mundial na qual é morto em uma batalha e, então, as famílias refazem os acordos nupciais: Charles casa-se com Lucienne. Charles homenageia o irmão e batiza seu filho de Louis Althusser.

Segundo a análise de Passos, isso teria um grande e trágico significado na vida de Althusser, que sentia que não existia por ele mesmo, “vivía à sombra de um morto, cujo nome carregava” (Passos, 2006: p. 71). Esse mesmo sentimento é descrito pelo próprio Althusser que afirma em sua autobiografia que se sentia amado por sua mãe, mas não por ser ele quem era e sim pelo que seu nome representava, ou seja, a lembrança de outro Louis, a quem aquele amor era dirigido:

Eu era assim como atravessado pelo olhar dela. Eu desaparecia para mim nesse olhar que me sobrevoava para se juntar na morte longínqua ao rosto de um Louis que não era eu, que jamais seria eu. (Althusser, 1992: p. 54)

No caso de Althusser, seu nome, Louis, significava para sua mãe uma possibilidade de reviver um amor perdido, uma hipótese que pode ser observada na relação que

estabeleceu com seu filho, o que acarretou consequências na constituição de sua personalidade.

1.2 Por quê pesquisar Althusser?

Louis Althusser foi uma personalidade importante no campo científico, em especial na Filosofia e Psicanálise. Sua vida e seu adoecimento psíquico são até hoje temas de discussão entre teóricos e psicanalistas que tentam dar sentido ao ato homicida que cometeu contra sua esposa, Hélène, e que levou à sua internação em um hospital psiquiátrico no qual permaneceu internado até o momento de sua morte em 22 de outubro de 1990.

A exemplo do acima descrito, pode-se citar o simpósio “O assassino, o louco, o pensador, o homem: a clínica do caso Althusser”, promovido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade, ocorrido na PUC-SP, em outubro de 1993, sobre o qual foi publicada, no ano seguinte, uma edição especial do Cadernos de Subjetividade. Nessa publicação encontram-se, entre outros, os artigos: Um ato de Ser, de Luis Carlos Menezes; Frente ao mar, frente à morte, de Marcio Fuks e Um homem de luto por si mesmo: o caso Althusser, de Renato Mezan, os quais serão utilizados para a análise do caso de Althusser, no capítulo II do presente trabalho.

No artigo “Em defesa de uma Hipótese Diagnóstica”¹, Maria Lucia Vieira Violante aponta para uma questão interessante que não foi abordada pelos debatedores e palestrantes daquele simpósio: o tratamento psicanalítico de Althusser. A autora coloca em questão a direção dada pelo psicanalista do filósofo, René Diatkine, ao atendimento daquele e chama a atenção do leitor para o diagnóstico feito pelo psicanalista. Segundo Violante, Diatkine avaliava que o quadro psíquico de Althusser tratava-se de um caso de uma falsa neurose depressiva (Violante, 1997: p. 136), apesar de Althusser dar diversos indícios de que sua personalidade tendia para a paranóia:

O paranóico pode cometer homicídio ou suicídio; diversamente, o melancólico, via de regra, não mata, mas se mata, atormentado pela culpa de uma perda pela qual não tem responsabilidade alguma (...) – por se tratar de uma perda do Eu. Todos os episódios da história de

¹ VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. Em defesa de uma Hipótese Diagnóstica. *Psicanálise e Universidade: revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise da PUC-SP*, São Paulo, n. 7, p. 133-150. 1997

Althusser apontam para fantasias e angústias mais do tipo paranóide do que propriamente depressivo. (Violante, 1997: p. 138)

A autora sustenta seu diagnóstico a partir da relação que o filósofo mantinha com a mãe, para quem ela era uma figura frágil e fóbica e com o pai, visto como autoritário. Além disso, Violante afirma que Althusser temia por sua integridade física, interpretada como medo de desintegração do Eu (1997: p. 139).

Em seu artigo, Violante questiona a resistência por parte de alguns psicanalistas em realizar um diagnóstico de seus pacientes. Formular uma hipótese diagnóstica, sob seu ponto de vista, oferece ao profissional a possibilidade de avaliar se aquele que solicita a análise é “analisável” (1997: p.154) ou não e se o psicanalista é capaz de responder à demanda. Ao fazer a análise do encaminhamento dado por Diatkine ao tratamento de Louis Althusser, a psicanalista coloca em questão o método, a técnica e a teoria psicanalítica no que se refere ao diagnóstico. Sendo esta posição mais um indicativo da relevância do estudo deste caso.

A seguir, veremos em que consistirá esta pesquisa, cujo objetivo é estudar a incidência do nome próprio na constituição do psiquismo do sujeito, bem como elucidar o fenômeno da nomeação, que como vimos neste capítulo, pode revelar as fantasias dos pais em direção ao filho.

2. MÉTODO

O caso do filósofo francês Louis Althusser será o principal objeto de estudo para pesquisar a hipótese da relevância do nome próprio como um dos elementos fundantes do sujeito e será descrito no capítulo II – “O caso Althusser”. Para fundamentar tal hipótese, usarei no capítulo III outros casos encontrados na literatura científica, como a análise feita pelo psiquiatra e psicanalista Dr. João Sergio Siqueira Telles sobre o adoecimento psíquico do pintor impressionista Van Gogh (1853 – 1890), no artigo *O nome próprio e o desejo da mãe* (1999)², assim como os estudos de casos realizados por Caroline Eliacheff e Serge Leclaire, nos respectivos livros: Corpos que gritam – Psicanálise com bebês (Ática, 1995) e Mata-se uma criança: um estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte: seguido de um texto de Nata Minor (Zahar, 1977).

Antes de iniciar a análise do caso de Althusser, apresento no capítulo I (p. 13) do presente estudo a teoria de Jacques Lacan sobre a constituição do sujeito, especificamente os três tempos do Complexo de Édipo formulado pelo psicanalista, os quais são: 1) fase fálica (Estádio do Espelho); 2) metáfora paterna (O Nome do Pai) e 3) castração simbólica e processo indentificatório. O capítulo seguinte, “O caso Althusser” (p. 27), será dedicado à história de Louis Althusser, para tanto utilizarei, além dos escritos do próprio filósofo sobre sua vida, os artigos de Renato Mezan, Mario Fuchs e Luís Carlos Menezes presentes no Cadernos de Subjetividade (Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, 1994) e a análise realizada por Marci Dória Passos de seu caso clínico em sua tese de doutorado que originou o livro A dor que emudece – Travessia Clínica de Louis Althusser (Faperj, 2006).

Para dar subsídio à hipótese que pretendo abordar nesta pesquisa, apresentarei no terceiro capítulo (p. 43) outros casos encontrados na literatura científica, que destacam o nome como um dos elementos que interferem na constituição do sujeito. Ali o leitor entrará em contato com os casos das bebês Bella e Zoé, estudados pela psicanalista francesa Caroline Eliacheff, descritos no livros anteriormente citado; com o estudo de caso de Telles sobre o adoecimento psíquico do pintor impressionista Van Gogh e com o relato do caso de Pierre Marie, um paciente de Serge Leclaire que recebe o nome de um irmão morto.

² TELLES, João Sergio Siqueira. O nome próprio e o desejo da mãe. In: Psychiatry On-Line Brazil. Disponível em: < <http://priory.com/psych/curr0999.htm#inicio>>. Acesso em: 19 mai. 2010.

No capítulo Análise (p. 53), retomarei as histórias apresentadas nos capítulos dois e três deste trabalho relacionando-os com os conceitos psicanalíticos discutidos no capítulo um. O leitor observará que naquela seção atribuo maior ênfase para a história de Louis Althusser, já que, conforme dito anteriormente, constitui o principal objeto de pesquisa para o estudo do nome próprio como um dos elementos estruturantes do sujeito. Ainda, serão contemplados os casos de Van Gogh, Pierre-Merie, Bella e Zoé, sobre os quais farei uma reflexão acerca dos significados a esses nomes atribuídos, relacionando-os com a teoria de constituição de sujeito sob a perspectiva lacaniana.

2.1 Sobre a escolha bibliográfica

Conforme o leitor poderá perceber nas leituras dos capítulos seguintes, os casos e os autores selecionados para fundamentar a questão que proponho nesta pesquisa se incluem no campo da Psicanálise. No primeiro capítulo, antes de iniciar a exposição da teoria lacaniana sobre a constituição do sujeito, especificamente quanto aos três tempos do Complexo de Édipo, retomo a segunda tópica de Freud na qual faz uma revisão sobre seus primeiros escritos sobre o complexo edípico, compreendendo que este é o ponto de partida de Jacques Lacan para a formulação de sua teoria do Édipo. Tendo em vista a dificuldade da leitura direta dos escritos lacanianos, utilizarei os textos de Bleichmar, Dor e Goldgrub para apresentar os conceitos teóricos sobre os quais fundamentarei minha hipótese.

Quanto ao principal objeto de análise, compreendo que Althusser, embora tenha sido um filósofo, foi e permanece como um nome de grande relevância em relação ao campo teórico e prático da Psicanálise, na medida em que estudou profundamente o pensamento psicanalítico, com destaque para a teoria de Jacques Lacan, e como dito anteriormente, seu adoecimento psíquico e a trajetória de sua análise ainda se constituem como objetos de estudo e questionamento entre aqueles que se dedicam a pensar a Psicanálise. Entre os autores escolhidos para auxiliar a compreensão da biografia do filósofo, estão Luis Carlos Menezes, Mario Fuks e Renato Mezan, todos eles psicanalistas de renome não apenas na prática, como também no campo teórico.

No terceiro capítulo, conforme descrito nesta seção, serão apresentados ao leitor casos de dois psicanalistas da escola francesa, entre eles Leclaire que, além de analisando de Lacan, foi um nome de destaque entre seus discípulos, na medida em que foi um dos responsáveis pela introdução da Psicanálise na Universidade. E no que

diz respeito a Telles, vale lembrar que além de sua atuação clínica, ele é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e autor de artigos sobre Psicanálise e assuntos da contemporaneidade.

2.2 Fundamentos para uma pesquisa em Psicanálise e uma breve apresentação dos casos: Louis Althusser, Van Gogh, Pierre-Marie, Bella e Zoé

Para pesquisar a validade da hipótese que nesta pesquisa apresento serão utilizados o relato de Louis Althusser sobre sua própria vida, a análise teórica de sua biografia e outros estudos de caso encontrados na literatura científica. Portanto, o presente trabalho caracteriza-se por uma pesquisa teórica, de cunho qualitativo, já que não utilizo entrevistas com sujeitos e não pretendo comprovar por meio de estatísticas e amostras quantitativas a validade da questão que aqui se coloca.

Por outro lado, não utilizarei material de minha experiência clínica, mas trabalharei com relatos clínicos o que, segundo Mezan (1993: p. 54 e p. 55), tratam-se de textos que contêm uma particularidade em relação materiais teóricos de outras disciplinas incluídas no campo das Ciências Humanas, na medida em que descrevem, conceituam e explicam fenômenos e processos que remetem ao *setting* analítico, de forma direta ou indireta, e ao objeto de pesquisa da situação clínica: o inconsciente. Portanto, a pesquisa teórica em psicanálise traz um discurso (conceitos teóricos) para compreender os fenômenos presentes em um outro discurso seja no trabalho com material clínico ou no estudo da própria teoria, pois ambos se relacionam com o inconsciente. Assim, a pesquisa em psicanálise se guia de forma semelhante à investigação clínica, na medida em que atribui significados a elementos que não se apresentam de maneira explícita no material estudado.

Ainda em relação às particularidades de uma pesquisa em Psicanálise, parece importante ressaltar que assim como na clínica, a investigação no campo teórico também incide sobre o inconsciente que, conforme aponta Violante (2000: p. 114), é além de principal objeto de estudo, aquele que marca uma pesquisa psicanalítica, bem como o método utilizado e caracterizado pela interpretação:

(...) Articulado aos seu objeto teórico e pressupostos metodológicos, o campo da pesquisa psicanalítica é circunscrito: por seu objeto, que é o psíquico, isto é, o inconsciente; por seu método, que é a interpretação; pela técnica da associação livre e pelas condições de possibilidade para a emergência empírica das formações do inconsciente (...). (Violante, 2000: p. 114)

A partir do acima descrito é possível identificar no relato autobiográfico de Louis Althusser, material que constitui o principal objeto de estudo do presente trabalho, conteúdos inconscientes de seu discurso que, de forma indireta, permite-nos realizar hipóteses acerca dos desejos e fantasias inconscientes de sua mãe. Além disso, o próprio autor menciona seu processo de análise com Diatkine e aponta, em diversas passagens do livro, que o significante de seu nome tem para a sua mãe o sentido de um amor não vivido, ou seja, uma falta. Tal atitude por parte do filósofo coincide com o trabalho do psicanalista, que deve escutar aquilo que se apresenta para além do discurso. Por outro lado, ao trabalhar com a interpretação de Althusser sobre a origem de seu nome e o significado deste para sua mãe, tentarei elucidar os conteúdos inconscientes presentes naquela relação, fazendo uso não somente da teoria como também da escuta psicanalítica. A exemplo do uso da interpretação analítica como método para pesquisa em Psicanálise, apresento, a seguir, um trecho extraído do livro de Passos (Faperj, 2006) no qual, a partir do relato de Althusser, a autora levanta uma hipótese acerca do sentido daquele nome, Louis, na vida do filósofo:

Além do fantasma da morte, o risco de suicídio foi também uma constante na vida de Althusser. A começar pelo nome que herdou de um morto, Louis, que sempre lhe desagradou. Achava curto demais, o *i* final o feria, *oui* era excessivamente um *sim* ao desejo de sua mãe e não ao dele. Além do *lui*, que soava como ele, aquele outro homem às suas costas: 'Lui, c'était Louis [Ele, outro Louis], meu tio, que minha mãe amava, não eu. (Passos, 2006: 72).

A análise que Telles realiza do caso de Van Gogh também se caracteriza por uma interpretação e traz um aspecto coincidente com o caso de Althusser: o pintor também recebe o nome de um morto. Assim, segundo a compreensão desse psicanalista, a mãe de Van Gogh teria negado a morte de um filho atribuindo o mesmo nome ao irmão que nasce em seguida e no mesmo dia daquele morto. No relato do atendimento de Pierre-Marie, Leclair aponta para uma importante tarefa do psicanalista: auxiliar o paciente, via o processo de análise, a se desvincular dos desejos e fantasias inconscientes dos pais para apropriar-se de seus próprios desejos. Assinala, ainda, que essa não é uma tarefa fácil, já que o sujeito se estrutura e se organiza em torno desses desejos. Por último, Caroline Eliacheff usa o referencial psicanalítico na análise dos atendimentos clínicos que realizou com bebês, aproximando em seus estudos, o sintoma da linguagem, sendo o primeiro a

manifestação desta por meio do corpo. Dessa forma, faz uma interpretação dos sinais orgânicos apresentados por seus pacientes para investigar a origem, inconsciente, daqueles sintomas.

Com base nos fragmentos dos relatos brevemente descritos acima, tentarei a partir de casos individuais e singulares, verificar se a hipótese que aqui levanto, acerca do nome como um elemento estruturante de uma subjetividade, é válida para todo e qualquer sujeito, tendo em vista a seguinte descrição de Mezan (1993: p. 89) sobre a tarefa de pesquisa em Psicanálise:

Mapeado o terreno, tem-se alguma idéia da natureza daquilo que se busca descobrir: hipóteses pré-teóricas, se podemos chamá-las assim, conceitos em estado larvar são mobilizados para delinear um primeiro esboço da organização do fenômeno, seja ele uma manifestação psíquica ou a constatação de um problema após a leitura de certos textos. (...) o trabalho de pesquisa em psicanálise parte do singular, tenta apreender as determinações dessa singularidade (inclusive do sujeito que assim procede), e visa extrair dela dimensão universal que, por sua própria natureza, ela contém. (Mezan, 1993: p. 88 e 89)

Assim, encontrar-se-ão na discussão dos casos, aqui brevemente apresentados e nos próximos capítulos aprofundados, conceitos da teoria lacaniana sobre a constituição do sujeito e a relação desse processo com seu nome. Para tal reflexão, que surgiu de meu interesse particular, usarei a metodologia que norteia a pesquisa em psicanálise, tendo em vista a interpretação como o principal meio para concluir e formular possíveis hipóteses. Dessa forma, compreendo que este estudo pode ser uma contribuição para o trabalho clínico no que se refere à escuta que leve em conta a história e a especificidade do nome do sujeito.

3. CAPÍTULO I: A constituição do sujeito segundo a teoria lacaniana

O primeiro capítulo desta pesquisa é dedicado à compreensão da teoria lacaniana sobre a constituição do sujeito, com ênfase no Complexo de Édipo, formulado pelo psicanalista francês Jaques Lacan. Com vistas à questão que neste trabalho se coloca – a função estruturante do nome próprio – compreende-se necessária tal tarefa, com especial atenção para os três tempos do Édipo e o estágio do espelho. Refletir sobre o nome remete ao mundo da linguagem, também compreendido como universo simbólico, que se constitui a partir do processo edípico durante o qual o sujeito se estrutura como tal, na medida em que se apropria das palavras que lhes são dirigidas pela mãe, e em seguida pelo pai, para formar seu próprio discurso.

Conforme será explicitado nas páginas seguintes, existe uma condição *sine qua non* que antecede e prepara a entrada do bebê no Complexo de Édipo e, portanto, essencial para a constituição daquela criança como um sujeito da linguagem. A essa fase, Lacan denominou de estágio do espelho e refere-se à relação que se estabelece entre a mãe, ou aquela que cumpre as funções maternas, e o filho. Do ponto de vista cronológico, trata-se do período entre os seis e os 18 meses de vida. Nessa etapa o bebê não tem capacidade, inclusive neurológica, para se perceber como um corpo unificado e é a partir do olhar e das palavras que a mãe lhe atribui que forma as primeiras imagens acerca de si. Nesse sentido, compreendo o nome próprio como um dos significantes que primeiro se apresentam para o sujeito e que pode ou não lhe conferir unicidade e singularidade.

Antes de explorar as teorias acima citadas, será retomada a formulação do Complexo de Édipo realizada por Freud ao final de seu trabalho, em meados da década de vinte do século passado, na medida em que Lacan realiza uma releitura daquela hipótese a partir de conceitos da lingüística estrutural, utilizando em especial o conceito de significante abordado por Saussure, para fundamentar sua própria teoria sobre a fase edípica, sendo este um dos processos intrínsecos à constituição do sujeito. Portanto, acredito que é na teoria lacaniana que encontrarei subsídios para fundamentar a hipótese deste trabalho, na medida em que um nome próprio é uma palavra que se inscreve no campo da linguagem, falada e escrita.

3.1 Complexo de Édipo segundo Freud

A primeira hipótese freudiana sobre o processo edípico descrita nos “Três Ensaios Sobre a Sexualidade” (1905), de forma geral, trazia a noção de que para os meninos o primeiro objeto de amor seria a mãe e, de maneira análoga, as meninas teriam o pai como primeiro objeto de investimento libidinal. Nesse primeiro momento, Freud compreendia que as meninas passariam pelos mesmos processos que os meninos, porém com relação ao pai. Dessa forma, propunha que as meninas, assim como os meninos que renunciaram à mãe por conta do medo da castração (perda do pênis), abdicariam ao desejo em relação ao pai por temerem que suas mães, como forma de castigá-las, não lhes dariam um pênis no futuro.

Em 1925, o autor retoma o tema no artigo “Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos” e distingue como o Édipo se apresenta nos dois sexos. De acordo com as novas formulações, o filho toma como objeto primordial de amor a mãe e rivaliza com o pai para tomar sua posição – etapa correspondente à fase fálica. Em um segundo momento, ao perceber que há pessoas que não têm pênis, renuncia ao amor materno em detrimento do temor de ser castrado, ou seja, de que lhe seja removido seu órgão sexual. É através desse processo, denominado Complexo de Castração, que o filho identifica-se com o pai, na medida em que ele não perdeu o pênis e por conta disso detém o amor de uma mulher. Nesse sentido, Freud conclui que o complexo edipiano seria dissolvido a partir da castração, quando os meninos percebem que poderão ter o amor de uma outra mulher que não sua mãe – nesse sentido, serão o objeto de desejo de alguém no futuro, sendo que a essa pessoa algo lhe falta.

No caso das meninas, a figura materna também é o primeiro objeto de amor, porém ao se depararem com a falta do pênis, voltam-se contra àquela figura por fantasiarem que a mãe o possui, mas negou-lhes a possibilidade de terem aquele órgão sexual – a filha sente-se castigada individualmente, ou seja, de que apenas ela nunca terá um pênis. A partir desse momento dirigem seu desejo para a figura paterna e anseiam ter um filho do pai. Ao se darem conta da impossibilidade de reprodução com seus próprios pais, as meninas percebem que suas mães também não têm pênis, mas que receberam de seus maridos, assim identificam-se com a figura materna no sentido de que um dia receberão um pênis de um homem.

Assim, Freud conclui que o Complexo de Édipo nas meninas “é uma formação secundária” (Freud, 1925: p. 285), o que significa dizer que é consequência do Complexo de Castração, na medida em que a fantasia de ter sido castigada pela mãe e o desejo de ter um filho do pai permitem à menina identificar-se com a feminilidade. O autor considera a possibilidade da menina não renunciar ao pai como objeto de desejo e por conta da frustração identifica-se com ele, retornando ao que denominou de Complexo de Masculinidade ou inveja do pênis, processo que pode ter diversas consequências: originar uma psicose, no caso de recusa da castração; sentimento de inferioridade perante os outros por não ter um pênis ou, ainda, identificar-se com um sentimento de menosprezo pelo sexo feminino, em virtude da falta daquele órgão sexual e, com isso, comportar-se como um homem. (Freud, 1925: p. 282).

Tem-se, portanto, uma distinção quanto aos processos envolvidos na constituição do sujeito no que se refere às diferenças sexuais. Em relação aos meninos, Freud conclui que o Complexo de Castração é o responsável pela dissolução do Édipo, enquanto que para as meninas, o primeiro prepara e as introduz no Complexo de Édipo. A diferença anatômica dos órgãos genitais tem, indiretamente, efeitos na constituição psíquica do sujeito.

A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino (...) é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada. (Freud, 1925: p. 285)

Freud finaliza o artigo com a afirmação de que o Complexo de Édipo tem grande importância dado que o modo como o indivíduo nele se introduz e o abandona produz efeitos na constituição de sua estrutura psíquica. No sexo masculino a situação ideal é a total dissolução desse processo por meio do Complexo de Castração, de modo que aquele não exista nem mesmo de forma inconsciente, mas que tenha dado lugar ao superego. A esse fenômeno o autor atribui o que seria um sucesso do pacto social sobre o indivíduo, já que a castração opera sobre a repressão do incesto, o que viabiliza a reprodução da espécie humana. (Freud, 1925: p. 285)

Por outro lado, no caso das mulheres falta um motivo para a resolução do complexo edípico, dado que a castração é anterior a esse e, dessa maneira, seria abandonado lentamente ou recalcado, em ambos os casos com consequências em suas vidas

mentais, principalmente quanto à estrutura superegóica. Contudo ele faz duas ressalvas de grande relevância do ponto de vista psicanalítico: os homens não atingem a situação ideal masculina (dissolução do Édipo) e que todos os indivíduos possuem características masculinas e femininas, de forma que não existe a feminilidade e a masculinidade puras, sendo esses, apenas, constructos teóricos. Assim não é possível pensar que o Complexo de Édipo, mesmo quando elaborado, não tenha também seus efeitos na vida psíquica dos indivíduos do sexo masculino.

3.2 O Complexo de Édipo para Lacan

Como afirmado anteriormente, Lacan parte e fundamenta a sua teoria acerca dos processos edípicos sobre a última construção teórica de Freud acerca das relações edipianas. Contudo, no presente capítulo deste trabalho não serão utilizados os escritos do psicanalista francês, mas em seu lugar as leituras realizadas por Hugo Bleichmar, Franklin Goldgrub e Joël Dor acerca da constituição do sujeito na teoria lacaniana. Tal escolha encontra explicação na dificuldade, apontada inclusive por Bleichmar (1984: p.17), que se observa na leitura direta dos textos de Lacan e que os autores anteriormente citados auxiliam a sua compreensão. Por fim, cabe explicar ao leitor que será utilizada, com maior ênfase, a explicação teórica a respeito do Complexo de Édipo em Lacan realizada por Bleichmar em Introdução ao Estudo das Perversões – Teoria do Édipo em Freud e Lacan (Porto Alegre, 1984). As obras A Máquina do Fantasma, Goldgrub (2008) e Introdução à Leitura de Lacan – o inconsciente estruturado como linguagem, Dor (1991) serão usadas para dar suporte aos conceitos apresentados neste capítulo.

O Édipo em Lacan consiste em uma estrutura dividida em três tempos, antecedida pelo Estádio do Espelho, e a qual é organizada segundo posições ocupadas por três personagens: a mãe (figura materna), o pai real (figura paterna) e o filho (independente do sexo). Há ainda um quarto elemento presente, que é a representação da Lei por meio da função paterna. A relação entre essas personagens se estabelece tal qual uma formulação matemática, na qual uma variável “y” está em função de outra “x”, sendo a primeira dependente da segunda – ou seja, “y” varia de acordo com as variações de “x”. Dito de outra forma, compreende-se o Édipo lacaniano como um jogo de relações intersubjetivas no qual a posição de um personagem só tem valor em função de outro, por exemplo, a mãe é tida como tal em relação ao filho e vice-versa. Seguindo a lógica matemática, há de se lembrar que “x”

(mãe, por exemplo) já ocupou o lugar de “y” (filha de sua mãe), portanto há uma cadeia edípica que interliga as gerações.

E o que faz com que um personagem (mãe, pai e filho) ganhe valor frente a outro? Utilizando a metáfora do jogo do anel, proposta por Lacan, Bleichmar (1984: p. 19) explica que tal jogo supõe alguns indivíduos em um círculo, que passam entre si um anel. Nessa atividade o que marca a posição de cada pessoa frente às outras é o anel, ou melhor, quem o possui ganha um valor de destaque e desempenha um papel, e por contraste, os outros ficam marcados como aqueles que não estão com tal objeto e desempenham outra função frente àquele que deve adivinhar quem o detém. Esta última personagem será gratificada ou punida se acertar ou errar com quem se encontra o anel.

Adiante, o autor segue com a metáfora e apresenta outra situação, na qual um dos participantes do jogo se coloca no lugar do anel, crendo ter ele em si próprio o valor daquele. Para ele, então, o anel deixa de ser algo que circula entre os jogadores, que eventualmente podem tê-lo ou perdê-lo. Em seguida o autor insere nesse contexto metafórico um integrante do círculo que ambiciona intensamente ter o anel, acreditando que este satisfaria todos os seus desejos. Como o anel não é mais um objeto que circula, para obtê-lo este último deve se convencer de que o outro é o anel e, ainda, fortalecer a sua crença de que o é de fato.

Pensando na teoria lacaniana do Édipo, o anel corresponde ao falo, conceito compreendido como significante da falta, ou seja, algo que representa uma falta, em outro nível que não no plano do real, transposta para algo concreto (o significante) – uma palavra, por exemplo, que se diferencia e se destaca em relação às outras. Portanto, se um vocábulo ganha mais valor frente aos outros, há algo atribuído a ele pelo sujeito, que inscreve algo no significante palavra. Inscrever, nesse sentido, é transpor alguma coisa pertencente ao real em um símbolo. Bleichmar (1984: p. 21) usa como exemplo a fome sentida pelo sujeito e é expressa pela frase “tenho fome”, ou seja, o que é orgânico é transposto para a linguagem e nessa transição algo se perde, já que estar faminto não é o mesmo que dizê-lo. Assim, o significante deve ser compreendido como algo material que substitui um objeto do qual se sente falta, portanto torna presente aquilo que está ausente:

Há uma distância essencial entre o que se vai inscrever e o material que vai servir de suporte para essa inscrição. Inscreve-se um menino no Registro Civil: o que, em um nível, é um menino, no outro é um nome. (...) Mais ainda, alguém pode estar inscrito no Registro de Óbitos, está inscrito – presente – no registro, mas está inscrito enquanto ausente, quer dizer, enquanto inexistente, e este é um traço essencial do significante. (Bleichmar, 1984: p. 21)

De forma semelhante como explora o conceito de significante na teoria lacaniana, Bleichmar o faz para explicar o significado de falo para aquela perspectiva. O falo é um significante no sentido que é algo que ocupa o lugar da falta e ao mesmo tempo é substituível – já que sempre haverá uma falta no sujeito lacaniano. Assim, o falo carrega em si uma contradição, pois ao mesmo tempo em que cria uma ilusão de completude no nível subjetivo, comprova que há uma falta, nele inscrita. A partir daí tem-se os seguintes desdobramentos da função do falo: 1) ele seria algo, qualquer coisa, que completaria o sujeito que a partir disso mantém a ilusão de que nada lhe falta (falo imaginário); 2) assim como ocorre com o significante, o objeto fálico ganha valor em relação a outros objetos, ocupa um lugar de destaque que lhe é atribuído pelo sujeito, que ao fazer essa operação – eleger um objeto entre outros – insere-o no campo simbólico, pois não é a coisa em si que tem valor, mas na articulação com as outras. (Bleichmar, 1984: p. 37)

Nas relações familiares é possível observar essa lógica das articulações (ou seja, a ordem simbólica): alguém é filho de um pai e vice-versa, porém esse alguém pode ser ao mesmo tempo sobrinho de um tio, primo de outrem e assim por diante. Portanto, a posição que ocupa no grupo familiar depende a quem se refira na relação e, então, não é em si mesmo e nem tem um valor fixo, na medida em que sua existência tem significados diferentes para cada indivíduo com quem estabelece um laço social. Nesse sentido, encontra-se semelhança com a metáfora do jogo do anel, no qual cada participante tem seu valor conforme a circulação daquele objeto e o valor que o possuidor do anel adquire frente a cada um dos jogadores, podendo ser maior ou menor em função da estima que se atribua à pessoa que está com o anel, ou que uma vez esteve com ele.

A linguagem também é da ordem simbólica, na medida em que as palavras adquirem sentido e significado apenas quando relacionadas a outras. Um exemplo poderia ser a diferença que há entre as seguintes frases e que só podem ser compreendidas pela forma como os vocábulos se organizam: a) Eu atirei no alvo; b) Eu a tirei da sala. Nota-se que ao enunciar “eu atirei” o sujeito pode se remeter a dois verbos, atirar e

tirar, que foneticamente são semelhantes nos exemplos utilizados, mas que se referem a situações distintas e que só podem ser distinguidas a partir das palavras seguintes da frase. Outro aspecto que confere à linguagem seu atributo simbólico encontra explicação nos sinônimos, tendo em vista que um vocábulo pode ser substituído por outro, ou seja, o sujeito escolhe um termo entre uma gama de opções.

Tendo explicado os conceitos de significante e falo, o próximo conceito a ser exposto refere-se à fase pré-edípica, denominada por Lacan de estágio do espelho. Nessa etapa da constituição do sujeito é possível observar como o conceito de falo opera na relação entre mãe e filho. Se compreendermos que o complexo edípico é um processo estruturante e identificatório e que os seres humanos se diferenciam dos animais por causa da linguagem, que lhes atribui, assim, uma identidade de uma espécie diferente das demais, é preciso examinar como o bebê desprovido de linguagem, *o infans*³ identifica-se com outro ser humano e acessa a linguagem.

Nesse sentido, *infans* refere-se ao indivíduo que ainda não passou pelo Édipo, e na teoria lacaniana, encontra-se no estágio do espelho, o qual se apresenta entre os seis e 18 meses de vida do bebê, como dito anteriormente. Nesse período, a criança sente seu corpo fragmentado, o que significa dizer que não se percebe como um todo em função de sua descoordenação sensoriomotora e, portanto, não sente que é *Um* (único) e oposto de *um-entre-outros* (Goldgrub, 2008: p. 367). Para que se transforme em um corpo unificado, o filho conta com o olhar da mãe, que serviria de imagem especular (como a de um espelho) que lhe confere unidade e especificidade. Esse olhar traz consigo os desejos da mãe em direção àquela criança, assim como as palavras e os toques que lhe dirige. Goldgrub denominou esse processo de “hipótese fonético-fonológico-especular” (2008: p. 367), o qual permite que a criança viva antecipadamente através do desejo materno a unificação corpórea. Assim, é através do processo de se identificar no desejo materno que se constituirá a primeira imagem do indivíduo acerca de si mesmo e que constitui o Eu Ideal, na medida em que está alienado no desejo materno e faz deste o seu próprio desejo.

Antes de passar para o primeiro tempo do Édipo, é importante fazer uma ressalva quanto à imagem especular com a qual a criança se identifica na relação primordial com a mãe. Como lembra Goldgrub (2008: p. 368), não é apenas por meio do olhar e das palavras que lhes são dirigidas que o bebê experimenta a unificação de seu corpo,

³ Termo em francês que alude ao indivíduo que não fala e utilizado por Lacan para se referir à criança que ainda não adquiriu linguagem e, portanto, não se constituiu como sujeito.

o toque e os gestos também desempenham esta função; não fosse assim, o “*infans* surdo e o *infans* cego” (Goldgrub, 2008: p. 368) não passariam pelo estágio do espelho, o que não é verdade.

O primeiro tempo do Édipo inaugura a entrada do indivíduo no Complexo de Édipo, e essa etapa é caracterizada por uma relação dual entre mãe e filho, na qual a primeira está na posição de Outro, na medida em que a criança segue alienada no desejo materno e mais ainda, toma-o como seu. Além disso, é a mãe por meio da linguagem que significa as necessidades do filho, que ainda não a possui e necessita o suposto saber da mãe em relação àquelas. Assim:

(...) o menino lê, nos movimentos esboçados pela mãe, a satisfação de suas necessidades. Por outro lado, a mãe traz ao menino a linguagem que lhe diz o que está acontecendo; diz-lhe: ‘tens frio’, ‘tens fome’. A mãe não só lê as suas necessidades, mas também *constrói* as suas necessidades. (Bleichmar, 1984: p. 28)

Observamos, portanto, que a mãe, por meio da linguagem inscreve seu desejo na relação com o filho, que o toma como seu. Nesse sentido, a criança vive a ilusão de que é o falo da mãe ao acreditar que preenche o lugar da falta no desejo materno. Por outro lado, se considerarmos esse tempo sob o ponto de vista da mãe, veremos que ela reconhece a castração, que algo lhe falta (o falo), já que também passou pelo complexo edípico. Por identificar-se como castrada, procura algo que lhe completaria e assim simboliza o falo em seu filho. O filho a faz sentir plena, ocupando assim o lugar da falta. Temos, então no primeiro tempo do Édipo, uma mãe fálica, na medida em que acredita que nada lhe falta e o filho como falo, “alguém para quem ela é tudo, tem um súdito incondicional” (Bleichmar, 1984: p. 30).

Por último o autor considera uma situação na qual o filho não se inscreva como falo no desejo materno. Utiliza como exemplo, a possível frustração da mãe de uma criança com deficiência mental. Nesse caso, a mãe não deixa de ser fálica, pois o desejo de que seu filho fosse perfeito persiste, ocorre que o indivíduo se identifica com aquilo que não é, ou seja, como não-falo. Pode acontecer de essa mãe invejar ter o filho de outra mulher, dessa forma coloca seu filho em relação ao desejo do outro (aquela mãe), com o qual vai se identificar e tomar para si.

O segundo tempo é marcado pela entrada do pai na relação dual entre mãe e filho. A figura paterna será o interditor, aquele que priva a criança em relação ao seu objeto de

desejo (mãe); o filho deixa de ser o falo e percebe que o Outro (ainda incorporado pela figura materna) dirige seu amor para um outro que teria algo que ele não tem. O pai, então é percebido como o Outro da mãe (aquele que rege seu desejo) e um rival, já que agora passa a ser o falo. Com relação à mãe, ela também é privada do objeto fálico (a criança) e da condição fálica. A esse pai interditor, Lacan⁴ denominou “pai terrível” porque nesse momento, na perspectiva do filho, ele ocupa um lugar privilegiado no desejo materno: o de ditar a lei desse desejo. Não se trata, portanto, de um pai simbólico, mas imaginário já que é algo em si mesmo e a partir dessa imagem da figura paterna a criança identifica aquilo que ela não é ao deixar de ser o objeto que completava uma falta.

Quanto ao aspecto da interdição, a figura paterna atua como uma proibição no desejo do filho e da mãe; no primeiro caso impedindo que durma com a mãe e no segundo assinala para a mãe que ela segue sem ter o falo e não poderá tê-lo por meio da progeneritura. Ocorre, então, a castração, que é simbólica na medida em que não realiza um corte no corpo do filho ou da mãe, mas ao mesmo tempo instaura a separação de ambos, o que leva à experiência da perda, porém, de um objeto imaginário – o falo – tanto sob o ponto de vista da mãe, como do filho que deixa de sê-lo.

Dor (1991) assinala que, para a criança, a figura paterna real aparece como representante da lei, à qual a mãe também está submetida, e por ocupar um suposto lugar no desejo materno adquire, então, a qualidade de pai simbólico, cujo significante Pai é simbolizado pelo Nome-do-Pai. Nessa passagem é fundamental que a mãe reconheça a “enunciação da lei paterna” (Dor, 1991: p. 87), e tome o pai como seu objeto de desejo, para que a criança possa por meio do Nome-do-Pai admitir a função significante do Pai – ou seja, a lei. Por fim, cabe lembrar que a função castradora do pai não precisa ser exatamente realizada pela figura paterna real. Para que ocorra a castração simbólica é necessário que exista algo ou alguém para quem a mãe passe a dirigir seu interesse: uma pessoa, seu trabalho, um segundo filho, por exemplo. Nesse sentido, encontramos no texto de Bleichmar (1984) uma interessante passagem que ilustra o que foi anteriormente descrito:

Isso leva-nos a poder concluir que, quando se diz que o pai simbólico efetua a castração simbólica, não se pressupõe que haja alguém que execute uma ação

⁴ LACAN, Jacques (1957). In: O Seminário – Livro 5 - As formações do inconsciente, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999: p.89.

e sim que há algo, que pode, sim, ser alguém, em relação ao qual a mãe fica situada como não sendo a lei. Mais ainda, o pai real pode não fazer nada, ser frágil, mas perante os olhos da mãe ser alguém que é desejado, cuja palavra escuta. (Bleichmar, 1984: p. 51)

A relevância dessa afirmação está no fato de que não é necessária, tampouco suficiente, a existência de um pai real para que a castração simbólica ocorra ou, se ele existe como tal, é fundamental que a mãe reconheça a sua interdição no que diz respeito àquela relação dual, estabelecida no primeiro tempo, com seu filho. Lembrando a afirmação de Goldgrub (2008) a respeito do valor dos gestos e dos toques, no estágio do espelho, para dar forma ao corpo do bebê, tem-se aqui a conclusão de que órfãos não deixam de passar pelo Complexo de Édipo, mais especificamente no que concerne à castração simbólica, por conta de não terem um pai real.

Por fim, exploraremos o terceiro tempo do Édipo formulado por Lacan, o qual marca o fim do complexo. Nesse momento a rivalidade do filho em relação ao pai é colocada a termo e para a criança, agora, ele não é mais o falo, mas é possuidor deste e, com isso, sai da posição de representante direto da lei e passa a ser compreendido como também submetido a ela. Por não ser mais o objeto de desejo da mãe em si, o pai deixa de ser o único que a interdita e assim a criança compreende que todos estão submetidos a uma lei exterior. Isso só pode ocorrer na vida do indivíduo se ele houver passado pela castração simbólica (passagem do segundo tempo para o terceiro), na qual se dá conta de que ele mesmo não é o falo, tampouco o é o pai; assim como a mãe deixa de ser a lei e o mesmo acontece com a figura paterna. Como consequência, tem-se a percepção de que ninguém pode ser o falo, nem a lei – portanto essas instâncias estão acima de qualquer pessoa. (Bleichmar, 1984: p. 57)

Outra consequência da castração simbólica é o segundo processo de identificação pela qual passa a criança o qual diz respeito ao seu sexo, masculino ou feminino. A partir do momento que o filho não é mais o falo, ele passa a se identificar com o Ideal de Eu e não mais com Eu Ideal, sendo este último a representação da perfeição vivida no estágio do espelho. Nesse momento o menino identificar-se-á com o masculino ao supor que o pai tem o falo; por outro lado, a menina, que também renuncia à posição de ser o falo da mãe, identifica-se com o feminino na constatação de que ela não tem aquilo que o pai tem. Assim, cada um, menina e menino, situam-se em relação ao gênero ao qual pertencem e passam a fazer parte de um grupo – das mulheres ou dos homens – incluído em um meio cultural, que tem expectativas em relação a um e ao

outro. Portanto o que marca a diferença entre o Eu Ideal e o Ideal de Eu é o fato de que o sujeito não se identifica com a mãe ou com o pai em sua totalidade, mas sim com marcas ou determinados aspectos dessas figuras.

Ao aceitar o fato de que pertence a um grupo social submetido à lei exterior, sendo esta a proibição do incesto, o menino identificado com o masculino se dá conta de que não pode dormir com sua mãe, mas pode fazê-lo com qualquer outra mulher e, nesse sentido, o pai aparece como aquele que possibilita a constituição de sua sexualidade. A imagem do pai como proibidor dá lugar àquela de quem possibilita o direito à sexualidade, já que é a partir da identificação com o ter ou não ter o falo que o menino e a menina passam a se perceber como seres sexuados. Podemos concluir, dessa maneira, que o terceiro tempo é aquele que inscreve o sujeito no mundo simbólico, ou seja, no âmbito da linguagem e da lei.

3.3 O nome como o signo de um desejo

No livro Família e Doença Mental (Ed. Escuta, 1988), o psicanalista argentino Isidoro Berenstein faz no capítulo quatro uma análise sobre o nome próprio, que aqui utilizo para introduzir a questão acerca desse como um elemento estruturante do sujeito e que lhe confere identidade. Segundo o autor o nome próprio exerce, entre outras, a função identificatória de uma pessoa, diferenciando-a das demais seja dentro do grupo familiar ou social, neste último caso pela combinação entre nome e sobrenome. Além disso, afirma Berenstein que por meio do nome próprio tem-se acesso à origem, religião e expectativas inconscientes dos pais sobre a vida de seus filhos:

O nome próprio indica uma relação entre receptor e o doador do nome e, muitas vezes, é a expressão de indicadores de um nível altamente inconsciente sobre o sistema de relações entre ambos. (Berenstein, 1988: p. 126)

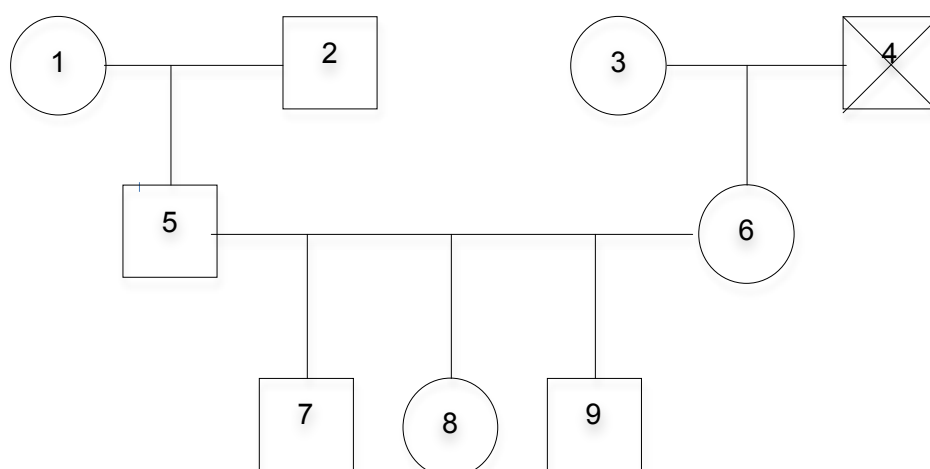
Entre os judeus, informa o autor, que não se atribui aos recém nascidos nomes de familiares ainda vivos, sendo essa uma proibição dentro de sua cultura fundamentada na crença de que ao receber um nome de alguém vivo, o bebê ocuparia o lugar daquele, como se o “empurrasse” (1988: p. 126) para a morte. Pontua, ainda, que entre os católicos ocorre justamente o contrário, na medida em que a repetição de nomes é comum e, por essa razão, requer que se atribua um apelido ou usar o diminutivo para diferenciar um familiar do outro, o que seria uma maneira de conferir identidade a cada um dos sujeitos daquele grupo. Por fim, relata que entre algumas

comunidades árabes verifica-se que o primogênito recebe o nome do pai para confirmar e marcar a filiação, o que não ocorre com os outros irmãos. (Berenstein, 1988: p. 127)

Mais adiante no capítulo da obra anteriormente citada, o autor propõe que analisar a origem do nome próprio de um indivíduo (ou de um grupo familiar) possibilita a compreensão do significado histórico que se transforma nesse signo – que se retomarmos a teoria lacaniana, poderíamos denominar de significante, se considerarmos que o nome próprio traz consigo uma história que precede o sujeito e, de alguma forma, remonta aos desejos daqueles que o nomearam e, assim, transportaram para o nome (palavra falada ou escrita) suas expectativas. Desta forma:

Os nomes não são termos isolados, indicam relações entre termos e é através dessas relações que obtém significado. (...) Os nomes próprios fazem parte, não somente de um sistema classificatório, mas são ainda signos da organização inconsciente do sistema familiar. (Berenstein, 1988: p. 135 e 136)

Para ilustrar esse atributo do nome próprio, utilizo um exemplo que o próprio Berenstein descreve em sua análise, o qual se refere ao caso de uma família por ele acompanhada em seu consultório. Segundo informa o autor, a origem dos nomes daquele grupo obedecia a uma tradição familiar do pai e da mãe, na qual era costume nomear os filhos com o nome do pai, no caso dos meninos, acrescido de outro elemento que se remetia a outro parente, paterno ou materno, e o mesmo para as meninas, porém em relação à mãe. Tinha-se então a seguinte estrutura:



Legenda:

- 1: avó paterna
- 2: avô paterno, Lorenzo
- 3: avó materna, Elvira
- 4: avô materno, Ramón
- 5: pai, Lorenzo Francisco
- 6: mãe, Elvira Cristina
- 7: filho mais velho, Lorenzo Ramón
- 8: filha, Cristina Elvira
- 9: filho caçula, Manuel Prilidiano

Figura 1: Genetograma de um estudo de caso⁵

O atendimento da família constituída por Lorenzo Francisco e Elvira Cristina teve início quando o primogênito, Lorenzo Ramón, apresentou sintomas persecutórios mais acentuados. Berenstein relata que um ano antes do início do tratamento psicanalítico ele começara a ter sinais leves de persecutoriedade, na medida em que se sentia maltratado e prejudicado na faculdade por colegas e professores. Esse mesmo sintoma se estendera para pessoas desconhecidas: em seu delírio persecutório, acreditava que todos riam ou lhe criticavam pelas costas, a ponto de ser detido por conta de uma briga na rua. O agravamento dos sintomas coincidiu com o casamento de seu irmão caçula, Manuel Prilidiano, e a morte de seu tio materno, também chamado Prilidiano. Nessa época, o autor informa que as relações de Lorenzo Ramón com seus familiares ficaram mais perturbadas, ao mesmo tempo em que começou a evitar circular por lugares públicos pelo pavor de ouvir vozes que o identificavam como um doente mental e homossexual.

Para a análise do caso desse grupo familiar, o psicanalista parte das configurações dos nomes atribuídos aos filhos do casal, com especial atenção para Lorenzo Ramón. O histórico familiar apresentado por Berenstein nos traz os seguintes dados: o primogênito deveria seguir os negócios do pai, assim como este o teria feito em relação ao seu próprio pai; quanto à Cristina Elvira, por ser menina, investiriam em sua educação formal e lhe encontrariam um homem que fizesse jus à família; o caçula, por sua vez, parecia ocupar uma posição privilegiada, no sentido em que sobre ele não recaíam tantas demandas, hipótese assinalada pela escolha de seu nome, o qual o

⁵ Ilustração realizada a partir do relato de Berenstein apresentado no capítulo IV de Família e Doença Mental, São Paulo: Escuta, 1988)

primeiro não remetia a nenhum parente, enquanto o segundo aludia ao avô paterno e um tio do mesmo ramo familiar. Tal raciocínio se fundamenta no fato de que é justamente Manuel Prilidiano o primeiro a se casar e sair de casa, o que, segundo aponta o autor, teria feito com que pai, mãe, filha e filho mais velho se confrontassem com um conflito que permeava suas relações e se demonstrava pelas escolhas dos nomes de Lorenzo Ramón e Elvira Cristina. A repetição dos nomes indicava o prolongamento do pai em relação ao primogênito e da mãe quanto à filha (Berenstein, 1988: p. 132), o que pode ser compreendido como um elemento que dificultou o processo indetificatório de Lorenzo Ramón, no sentido de possibilitar que se reconhecesse em sua singularidade e que esta fosse admitida por seus pais, levando ao adoecimento mental.

Dessa forma, temos no caso acima descrito um exemplo introdutório acerca do nome próprio como um elemento que posiciona o sujeito frente aos desejos e fantasias maternas e paternas. Também pudemos observar de que maneira o sujeito pode se identificar com as expectativas transpostas no significante de seu nome, o que nos remete à teoria do Complexo de Édipo formulada por Lacan, exposta nesta seção. Para elucidar melhor a questão, recorreremos ao caso de Louis Althusser que será exposto no capítulo a seguir.

4. CAPÍTULO II – O caso Althusser

Conforme mencionado anteriormente, o presente capítulo será dedicado à autobiografia de Louis Althusser, que neste trabalho serve como principal objeto de estudo para aprofundar o tema proposto. Para tanto, a leitura aqui apresentada de O Futuro dura muito tempo – seguido de Os Fatos (Companhia das Letras, 1992) dará destaque para os sentidos que o autor atribui para seu nome, bem como para as relações que estabeleceu com sua mãe, Lucienne e sua esposa Hélène.

Antes, contudo, compreendo necessário chamar a atenção para um aspecto de seu relato, o qual se refere à forma como o autor apresenta a trajetória de sua vida. Segundo assinala Mezan⁶ (1994: p. 69) o filósofo impõe ao leitor a compreensão dos fatos que seriam, para ele, determinantes para a constituição de sua personalidade e as conseqüências dos mesmos em sua vida, mais especificamente, na integridade de sua psique. Tal característica do relato de Althusser pode ser observada na seguinte afirmação presente em sua autobiografia:

(...) não faço, nem aqui nem em outro lugar, 'auto-análise' [grifo do autor], deixando esse assunto para os espertinhos de uma 'teoria analítica' [idem] adequada às suas obsessões e seus fantasmas particulares. (Althusser, 1992:p. 49).

Em uma passagem mais adiante da obra, o filósofo ao tecer comentários sobre sua apreciação acerca do anonimato – e, nesse momento, relaciona-o com um conteúdo aprofundado no presente capítulo desta pesquisa, o qual se refere à sensação de não existir por ele mesmo – emprega o mesmo tom impositivo para se defender de possíveis comentários que poderiam ser feitos em relação à sua autobiografia. Afirma que, se decidiu tornar públicas sua vida e suas impressões acerca de sua trajetória, o faz não com o objetivo de ser ou não compreendido pelo leitor, mas sim para colocar fim à “pedra sepulcral da impronúncia” (Althusser, 1992: p. 188) e com isso entrar para a condição de anonimato.

Ainda, segundo Mezan (1994, p. 70), tal atitude de Althusser revela certo descaso com o leitor, colocando-o em uma posição de “testemunha passiva” (ibidem), tendo em vista apenas convencê-lo dos fatos que levaram o filósofo a cometer o assassinato de sua esposa Hélène, em 16 de novembro de 1980, e não, como afirma no prólogo de

⁶ MEZAN, Renato. Um homem de luto por si mesmo: o caso Althusser. In: SIMPÓSIO O ASSASSINO, O LOUCO, O PENSADOR, O HOMEM: A CLÍNICA DO CASO ALTHUSSER, 1993, São Paulo. *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo, número especial, p. 69-80, 1994.

seu livro, responder ao seu ato, como o teria feito se não fosse beneficiário da impronúncia que lhe foi sancionada. (Althusser, 1992: p. 21)

Dessa forma, o que caracteriza o relato do filósofo é uma sequência de contradições e contrapontos que desafiam o leitor na compreensão de sua vida. A ambivalência de sua personalidade, que alternava entre momentos de sobriedade e surtos que o levaram a uma série de internações em instituições psiquiátricas, pode ser simbolizada pelo apelido que sua irmã e uma prima utilizavam para defini-lo: um *typapart*, ou seja um homem diferente, à parte dos homens comuns (Passos, 2006: p. 63) . O próprio Althusser conta que no momento de seu nascimento a médica responsável por seu parto, ao ver sua o tamanho de sua cabeça teria dito à sua mãe que ele não seria como os outros (Althusser, p. 36), sentimento que o acompanharia pela vida, segundo análise de Passos, ao se referir às contradições da personalidade do filósofo, entre elas a busca de isolamento versus o reconhecimento intelectual. (Passos, 2006: p. 63)

4.1 Breve histórico familiar

Antes de iniciar o relato da trajetória de Louis Althusser, faz-se necessário explicar os antecedentes históricos de sua família para que se compreenda o sentido que ele próprio atribui ao seu nome. Louis Althusser era filho de Lucienne Berger e Charles Althusser, sendo esse casamento arranjado pelas famílias dos noivos, embora os planos contemplassem que Lucienne deveria se casar com o irmão de Charles, Louis, morto em uma batalha durante a Primeira Guerra Mundial. E aquele com a irmã de Lucienne, Juliette.

Segundo seus escritos, os acordos entre as famílias se basearam em afinidades que se manifestaram e se impuseram sobre Louis e Lucienne: ambos se interessavam pelos estudos, eram comportados e puros – “sobretudo puros (...) sem nenhuma consequência para o corpo, essa coisa ‘perigosa’” (Althusser, 1992: p.40). De acordo com seu discurso, Lucienne e Louis mantinham uma relação etérea, dando a entender que não havia contatos físicos entre o casal, ainda que houvesse amor um pelo outro. Althusser especula que tal sentimento se baseava na admiração intelectual que mantinham entre si. Ainda segundo seu relato, Lucienne e Louis trocavam correspondências, as quais foram mantidas por sua mãe por toda a vida, fato que o incomodava. (Althusser, 1992: p. 40)

No decorrer da Primeira Guerra Mundial, para qual foram convocados, os irmãos Althusser retornavam de vez em quando para visitar sua família e suas noivas. No início de 1917, no entanto, Charles retorna sozinho do campo de batalha e anuncia aos Berger a morte de seu irmão. É nesse contexto que pede Lucienne em casamento, desfazendo seu noivado com Juliette (que permaneceu solteira até o final da vida) e ocupando o lugar de Louis como futuro marido de Lucienne. Conforme descreve o filósofo, sua mãe teria aceitado a proposta para não contrariar o desejo das duas famílias. Assinala, ainda, que ela o fez de forma submissa, virtuosa e respeitosa, dado que enxergava em sua mãe uma figura frágil e sem idéias próprias – a não ser aquelas que, na fantasia do autor, ela teria trocado com Louis, seu tio.

A maneira como caracteriza o casamento de seus pais aponta para uma identificação de Althusser com um possível sofrimento de sua mãe, que em tese, teria se casado com Charles por obrigação, mantendo seu amor por Louis, o noivo morto na guerra. O filósofo se refere a esse acontecimento como um fato “terrível” (Althusser, 1992: p. 41), sobre o qual sua mãe mantinha em segredo certos detalhes, aos quais tinha acesso pelo o que lhe contava sua tia Juliette.

Com mesma repulsa, conta como sua mãe teria se sentido durante a noite de núpcias e na vida conjugal com Charles: três vezes violada. Violentada fisicamente pelo ato sexual (ao qual Althusser se refere como algo violento por parte de seu pai); roubada financeiramente, em uma ocasião em que seu pai teria gasto o dinheiro que poupara ainda solteira; e, finalmente, vendo-se obrigada a abandonar a profissão que escolhera (professorado) para dedicar-se aos filhos, ao marido e ao lar, exclusivamente.

4.2 A relação de Louis Althusser com sua mãe e o significado de seu nome

Ao longo do terceiro capítulo de O Futuro dura muito tempo – seguido de Os Fatos (Companhia das Letras, 1992) o escritor relata a sua origem e diversas vezes faz menção à fragilidade, às fobias e à solidão de sua mãe. Para tanto utiliza, de forma repetida, um acidente ocorrido na infância de Lucienne, durante o qual quase morrera afogada, e assim explica a imagem que construiu de sua mãe, sempre associada à uma suposta ameaça de morte, o que faz com que o autor reflita se não deseja de forma inconsciente que ela morresse. Ao final do mesmo capítulo, reforça suas impressões sobre sua mãe de forma marcante e sofrida, quando diz:

Se forneço esses detalhes, é porque seguramente contribuíram para formar *posteriormente* [grifo do autor], portanto para confirmar e reforçar no inconsciente de meu “espírito”, a imagem de uma *mãe-mártir e sangrando como uma chaga* [grifo do autor]. Essa mãe associada a recordações (...), a episódios de uma ameaça de morte precoce (evitada por milagre) ia se tornar a mãe sofredora, destinada a uma dor ostensiva e repleta de censuras. (Althusser, 1992: p. 42)

Diante de tanto sofrimento, Althusser descreve, então, a angústia que permeava seus sentimentos em relação à sua mãe e o desejo em se dedicar inteiramente (de corpo e alma) a ela, como forma de salvá-la de seu martírio e de Charles, seu pai. Essa seria sua missão e sua razão de viver. (Althusser, 1992: p. 42)

Ainda ao final desse mesmo capítulo, o autor revela o sentido que confere ao seu nome: achava-o demasiado curto e foneticamente se assemelhava ao *oui* (sim em francês), que para ele significava estar subjugado ao desejo materno. Nessa mesma direção de raciocínio, compara Louis com *lui*, pronome de terceira pessoa que, portanto, aludia a um terceiro presente na relação com sua mãe, que não era seu pai, mas seu tio morto, a quem, segundo sua fantasia, seria dirigido o amor de Lucienne.

O capítulo seguinte é dedicado à relação que o autor estabeleceu com seu pai, cuja imagem era de uma figura autoritária e ausente em relação à educação dos filhos e o cuidado da casa (não somente no que se refere à limpeza e organização, mas também no que diz respeito ao funcionamento e a rotina familiar), funções delegadas totalmente à sua esposa. Qualificando-o como um homem alto, forte e de poucas palavras confessa o medo que sentia diante dele ao mesmo tempo em que admirava sua autoridade em relação aos seus funcionários.

Em dado momento, Althusser coloca a questão para o leitor se haveria tido um pai. Sua resposta, assim como os sentimentos em relação a ele, é ambígua. Considera que teve um pai já que levava seu sobrenome e ele existia como pessoa. Por outro lado, questiona a atitude de Charles, na medida em que não se preocupou em dar orientações quanto a certos temas que tornam, em geral, pai e filho cúmplices um do outro, como a questão da sexualidade, por exemplo.

Ao tratar desse assunto, Althusser retorna à relação com sua mãe e, então, o leitor se depara com uma situação próxima ao incesto. Relata o autor que certa vez, quando tinha 13 anos e recém descoberto os episódios de ejaculação noturna, sua mãe lhe toma pelos braços enquanto tomava café da manhã e o leva para seu quarto para

apontar, por meio das manchas nos lençóis, sua entrada na vida adulta. Em seguida o filósofo faz algumas considerações que deixa confuso o leitor sobre a manipulação de seu órgão sexual por parte de sua mãe, mas deixa claro que se sentia estuprado e castrado⁷ por ela, assim como ela se sentiria violentada por seu pai, Charles Althusser. Segundo a lembrança que guardava do episódio acima descrito, sentia que Lucienne dava-se ao direito de ser dona do corpo (e do sexo) de seu filho e se ocuparia daquilo que o autor definiria como função que deveria ser de seu pai: sua iniciação sexual.

Que minha mãe se permitisse bisbilhotar meus próprios lençóis, minha intimidade mais distante (...), o local do meu sexo, como ela faria em minhas cuecas, entre minhas coxas para pegar meu sexo entre suas mãos e brandi-lo (como se lhe pertencesse!). (...) Eu era assim estuprado e castrado por minha mãe que, por sua vez, se sentiu estuprada por meu pai (mas era problema dela e não meu). Realmente não saíamos de um *destino familiar* [grifo do autor]. E que essa obscenidade e esse estupro fossem praticados por minha mãe, que evidentemente se violentava contra a sua própria natureza para cumprir o que julgava ser seu dever (ao passo que deveria ser meu pai a desempenhar esse papel). (Althusser, 1992: 53)

Conclui ao final do capítulo que sua mãe lhe amava profundamente, mas não como uma mãe ama um filho. Afirma que foi através da análise que se descobriu na posição de um outro Louis, quem sua mãe verdadeiramente amava e que tentava por meio de sua existência reviver aquele sentimento e trazer o passado para o presente. Confessa que diante dela sentia que não existia por si e tampouco para si mesmo, mas por seu tio morto, cujo nome carregava e o identificava com a morte. Sentia que seu olhar, assim como seu amor, não era dirigido a ele, mas sim àquele Louis, morto no céu de Verdun.

A impressão que se tem é de que Althusser sente-se como um fantasma atravessado pelo olhar de sua mãe, que nesse contexto, não é um olhar que o reconhecesse em sua singularidade, mas ao contrário, identificava-o com o outro Louis. Para ele, o tio morto não era um fantasma, mas sim uma realidade que se impunha sobre sua existência desde o momento de seu nascimento, quando foi batizado por seus pais como Louis Althusser. É, então, na ambivalência entre vida e morte que se constitui a personalidade e o psiquismo do filósofo: carrega o nome de um morto que permanece vivo na memória e no desejo de sua mãe.

⁷ É possível que o autor tenha usado o termo com alusão ao conceito de castração em Psicanálise dado seu conhecimento e interesse por essa teoria. Referindo-se, portanto, a uma das fases do Complexo de Édipo, na qual o menino teria a fantasia de uma ameaça de ser castrado por desejar ocupar o lugar do pai na relação com a mãe.

No capítulo V de sua autobiografia, Althusser desenvolve de maneira mais aprofundada a forma como se sentia diante de Lucienne, dando destaque para a função que seu nome cumpria na relação que se estabeleceu entre ambos. Logo no início afirma a contradição e a ambivalência que estava “desde o início condenado a viver” (Althusser, 1992: p.56): por um lado amava sua mãe como, segundo suas palavras, pode uma criança saudável e desejante; por outro, sentia muito precoce e inconscientemente (e confere às crianças uma sensibilidade para perceber conteúdos inconscientes e, portanto, não ditos, que permeiam as relações com e entre os adultos, sendo estes insensíveis aos mesmos) que o amor materno não era dirigido à sua existência, mas através de seu corpo, ao tio morto e, portanto, ausente.

Althusser faz uma interessante relação entre sua existência e o sentido da mesma para a sua mãe. Para ele, era através de seu corpo que Lucienne revivia um amor do passado, dando vida a um morto, negando ao filho a possibilidade de existir por ele mesmo. Segundo suas palavras, “um ser presente como pessoa através de minha ausência como pessoa”. (Althusser, 1992: p. 56)

Seguindo essa direção de raciocínio, o autor reflete de que forma poderia, ainda quando menino, seduzir sua mãe, ser seu objeto fálico, ou seja, alvo de seu olhar, desejo e amor. É nesse momento de sua autobiografia que o leitor se depara com mais um fator que contribuiria para a identificação do filósofo com seu tio morto: teria que se tornar aquele homem, realizando assim o desejo de sua mãe. E então, encontramos mais uma contradição na formação da subjetividade de Althusser, pois se condenava, assim, a uma tarefa que lhe parecia possível e ao mesmo tempo impossível. Sentia que quanto mais se esforçava para realizar o desejo de Lucienne, mais se voltava contra sua vontade de existir por si mesmo, primordialmente de poder existir em seu corpo, o qual segundo relata, era desprezado por sua mãe.

Dentro desse contexto, a lembrança que o filósofo guardava de seu corpo quando criança era a de um corpo de menina, o que pode ser compreendido como uma sensação de fragilidade, por ele mesmo descrita através de suas formas corporais: era fraco, mole e de ombros estreitos – o oposto da imagem que fazia do que seria um corpo masculino.

Paralela a essa imagem, descreve a sensação de solidão que sempre permeou sua vida, desde a infância e após o assassinato, por ele cometido, de Hélène, sua esposa: quando criança não tinha amigos para brincar e sentia que sua presença era

indiferente para garotos de sua idade. Manter-se distante dos meninos da escola e dos vizinhos significava também atender a outro desejo de sua mãe que pretendia proteger seus filhos (e, segundo suas considerações, a ela mesma) das ameaças que poderiam sofrer no contato com outras pessoas (Althusser, 1992: p. 57).

Na continuação do capítulo, o filósofo cita outros feitos de sua vida que seriam resultados de sua persistência em seduzir sua mãe. Descreve que era comportado em demasia, obedecendo à vontade de sua mãe; manteve-se virgem até os 29 anos, fato ao qual se refere como um estado de pureza absoluta, como seria desejo de Lucienne, bem como sua entrada na Escola Normal Superior da rua d'Ulm (que, segundo observa, seria melhor que a de Saint-Cloud, freqüentada por seu tio) e o destaque na carreira intelectual que exerceu.

Em seguida, Althusser lança a pergunta se teria conseguido seduzir sua mãe, e outra vez esbarramos com uma contradição em seu discurso. Diz o autor que por um lado obteve êxito nessa tarefa, na medida em que correspondia às suas expectativas desde a infância até a vida adulta. Por outro lado, no entanto, afirma que para tanto sentia que não existia por ele mesmo (como observado em outras ocasiões citadas no presente trabalho) e dessa forma não a teria seduzido de fato, mas artificialmente, constituindo-se guiado não pelos próprios desejos, mas pelos dela.

Nesse jogo de sedução, Althusser compreende que a satisfação de seus próprios desejos era impossível, dado que estava subjugado às fantasias maternas, às quais sempre obedecia. Para ilustrar essa condição usa a vontade que sentia, quando criança, de jogar bola com meninos de sua idade, de brincar em parques com crianças desconhecidas, o que sempre foi proibido por Lucienne, que visava assim proteger seus filhos de qualquer ameaça. Ainda que ele demonstrasse sua insatisfação, acabava por obedecer à sua mãe.

Ao final do capítulo V, Althusser revela um episódio de sua infância, quando ao brincar com um menino e uma menina, subitamente agrediu a “garotinha” (Althusser, 1992: p. 59), tal como o havia feito em certa ocasião no colégio com um colega. O que impressiona no relato desse acontecimento é a sua afirmação de que não sentira vergonha nem arrependimento. Para ele, tal ato teria um sentido importante, talvez um indicativo de seu sofrimento:

Sofrendo eu estava, mas sem recursos contra o desejo de minha mãe e o meu sofrimento. (...) Eu não tinha nenhum recurso fora de casa, e sobretudo nenhum recurso dentro, junto ao meu pai. (Althusser, 1992: p. 59 e p.60)

No que diz respeito à relação com os pais, o artigo de Mezan aponta para um sentimento de persecutoriedade, na medida em que o filósofo compreende as atitudes daquelas figuras apenas sob uma ótica: uma intrusão violenta. Conforme a análise do psicanalista sobre seu caso, Althusser, ao negar o reconhecimento de sua alteridade por parte da mãe, apresentava dificuldade no plano das identificações, o que resultaria em um sentimento de vazio. Para dar conta desta angústia, ele teria recorrido a um mecanismo de defesa o qual Mezan qualifica como “próteses narcísicas” (1994: p. 75), entre elas a identificação com o tio morto. Nesse contexto, afirma o psicanalista que Althusser era incapaz de se perceber dentro de uma seqüência de gerações, na qual receberia uma história familiar, por exemplo, de seus pais e a transmitiria para seus possíveis filhos, dando continuidade à vida: por se chamar Louis está morto, como seu tio. (Mezan, 1994: p. 75)

Segundo sua análise, o filósofo coloca-se como depositário dos desejos e fantasias parentais, sem que pudesse se distanciar desses e tornar-se sujeito de seus próprios desejos. Assinala ainda o psicanalista, que os sentimentos de violação e intrusão de seu corpo que permeavam sua relação com a mãe seriam indícios da relação simbiótica e ao mesmo tempo cindida com sua mãe, uma figura pura e violentadora. (Mezan, 1994: p. 74)

A simbiose também caracteriza a relação de Althusser com sua esposa Hélène, oito anos mais velha e morta por ele mesmo nas dependências da Escola Normal Superior, onde moravam. Um episódio traumático da vida do pensador que o levou à sua última internação em uma instituição psiquiátrica, na qual escreve O futuro dura muito tempo – seguido de Os Fatos (Companhia das Letras, 1992). Segundo análise de Fuks⁸ (1994, p. 63) ele se prende a esta relação como forma de se proteger do mundo. Observa o articulista que a necessidade de se sentir cercado – em alguns casos, concretamente, por meio de muros – aparece em outras situações como nas seguidas internações, o isolamento em seu dormitório na instituição onde lecionava, bem como sua prisão em um campo de concentração.

⁸ FUKS, Mario. Frente à morte, frente ao mar. In: SIMPÓSIO O ASSASSINO, O LOUCO, O PENSADOR, O HOMEM: A CLÍNICA DO CASO ALTHUSSER, 1993, São Paulo. *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo, número especial, p. 59-68, 1994.

O psicanalista recorda o leitor que Althusser é filho da I Guerra, sobrinho e a lembrança viva de outro Louis, morto em uma batalha. Já adulto é preso em um campo de concentração da II Guerra, onde confessa em sua autobiografia, que se sentia seguro. Ao final da guerra, quando é libertado do campo, sente-se “despersonalizado, deprimido, (...) sem encontrar seu lugar”. (Fuks, 1994: p. 62)

É possível traçar um paralelo entre a sensação de deslocamento e de não pertencimento descritas acima com a imagem que Althusser fazia de si mesmo: por meio de seu nome e da interpretação que atribui ao olhar que recebia de sua mãe sentia que não vivia e tampouco era amado por ser ele mesmo e, assim, identificava-se com um morto, a quem acreditava que o amor de sua mãe era dirigido.

No que diz respeito à maneira como o filósofo sentia-se em relação à sua mãe, há uma interessante observação de Fuks que reposiciona essa questão do olhar. Ao inverter a ordem de quem olha e de quem é objeto desse olhar, o psicanalista chama a atenção para o fato de que Althusser também atravessa Lucienne quando lhe atribui sentimentos sobre os quais não se pode ter certeza, o que caracterizaria um traço paranóico de sua personalidade.

4.3 A relação com outra mulher – o casamento com Hélène

Por fim, é possível observar que o filósofo repetiu com Hélène o padrão de relacionamento que tivera com sua mãe quando sente que deve ser o salvador de sua vida:

Ainda assim, percebi nela uma dor e uma solidão insondáveis (...). Desde aquele momento fui assaltado por um desejo de oblação exaltantes. Salvá-la, ajudá-la a viver! Nunca em toda nossa história e até o final desviei-me dessa missão suprema que não cessou de ser minha razão de viver até o derradeiro momento. (Althusser, 1992: p. 108)

Na afirmação acima é como se o leitor de sua autobiografia tivesse a sensação de um *déjà vu*, ou seja, de como já tivera lido algo muito semelhante em outro capítulo ou trecho de sua obra. E ao voltar algumas páginas, recordar-se-á que Althusser enxergava em Lucienne uma figura frágil, a quem deveria proteger, sendo essa sua “missão suprema e (...) suprema razão de viver” (Althusser, 1992: p. 42). Nesse sentido, é interessante a analogia que Fuks traça entre ser salvador e dono de uma vida. O psicanalista recorda de um paciente que ao sair de uma depressão grave, teria

lhe dito o seguinte: “O senhor salvou a minha vida, e no Oriente, quando algo assim acontece, o salvado fica escravo do salvador” (Fuks, 1994: p. 64).

A partir da fala acima mencionada, cabe refletir se Althusser não teria tomado a vida da esposa como algo que lhe pertencia, já que lhe teria salvado de sua condição de mulher frágil e de baixa autoestima. Conforme informa Fuks (1994, p. 65) Hélène foi uma menina rejeitada pela mãe, justamente por ser do sexo feminino e, conclui o autor, propensa a se sentir desvalorizada como mulher. É nesse sentido que teria aceitado as condições em que se deu o relacionamento com Louis Althusser: um homem que, embora temesse as mulheres, fazia questão de ter amantes e de apresentá-las à esposa.

Ao final do livro, Althusser se concentra em descrever os fatos que anteciparam a morte de sua esposa, informando o leitor sobre crises intensas que o acometeram ao longo do ano de 1980 e como estava sua relação com sua mulher. O filósofo inicia o capítulo XX afirmando que ao final de 79 tinha conseguido superar o começo de uma crise depressiva sem a necessidade de hospitalização. Em relação à Hélène comenta que observara melhoras no comportamento da esposa após o início do tratamento com seu próprio psicanalista, René Diatkine⁹. Além disso, Althusser justifica que no início do ano ela iniciara um grupo de pesquisa, no qual ocupava um lugar de destaque, sobre movimentos populares, dos mais variados campos: desde o proletariado até grupos religiosos da África.

Então, após uma cirurgia, relata que entrou em um quadro depressivo profundo, caracterizado por seu psicanalista como uma “melancolia clássica aguda e, além disso, grave e inquietante” (1992: p. 218). O próprio Althusser afirma que sentia piorar a cada dia, o que o levou a uma nova internação em junho de 1980. Em relação à sua esposa, parece haver uma certa solidariedade com o sofrimento que suas crises lhe causavam, não apenas pela intensidade, mas também pela agressividade com a qual tratava Hélène e pelo fato de que os amigos pareciam subestimar ou ignorar como ela

⁹ Mario Fuks (1994, p. 67) contesta a atitude de Diatkine em atender Hélène em terapia individual, simultaneamente ao atendimento de Althusser segundo duas perspectivas: a) a questão ética e b) os malefícios conseqüentes de tal procedimento, especificamente no caso de seu paciente que vivia com Hélène uma fantasia de unidade, como se fossem uma pessoa só. Maria Lucia Vieira Violante (1997) também reflete sobre o processo psicanalítico de Althusser, colocando em questão o motivo pelo qual Diatkine teria atendido marido e esposa em sessões individuais, destacando o caráter patológico da relação do casal. (In: Em defesa de uma hipótese diagnóstica preliminar na clínica psicanalítica. Psicanálise e Universidade: revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise da PUC-SP, São Paulo, n. 7, p.133-150. 1997)

se sentia frente àquela situação, importando-se apenas com o estado de saúde do filósofo.

Quanto ao período dessa internação (junho a setembro do mesmo ano), o autor descreve como um período muito sofrido, pois se encontrava em um lugar desconhecido, nunca havia se hospitalizado naquela instituição, onde não tinha amigos, nem médicos e enfermeiros conhecidos.

Logo em seguida discorre sobre o tratamento com um tipo de medicação com a qual já estava acostumado e que sempre reagira de forma positiva – IMAO. Porém dessa vez não obteve sucesso e os resultados obtidos foram grave confusão mental, delírios, alucinações, perseguição suicida, além de desordens físicas e neurológicas, como falta de movimentos, desequilíbrio, náuseas, afasia e outras. Durante a internação, conta que teve alucinações com homens que o condenavam à morte. Diante dessa situação, na qual se via à beira de uma execução, o único recurso que encontrara para evitá-la era a antecipar a sua morte, suicidando-se. Ainda dentro desse quadro persecutório, Althusser lembra que gostaria de acabar não só com a sua vida, mas com todos os vestígios de sua existência: livros, a Escola onde lecionava e até mesmo Hélène. Temendo a cronificação dos delírios e alucinações, os médicos do hospital alteraram a medicação e, passado algum tempo, deram-lhe alta – o que pareceu ser uma atitude precipitada aos olhos de seus amigos.

O reencontro com sua esposa foi conturbado e como caracteriza o próprio autor, o casal conheceu “os piores sofrimentos” de suas vidas (Althusser, 1992: p. 221). Ao contrário do que estavam acostumados a lidar, ou seja, uma vida sempre interrompida pelas crises de depressão profunda que acometiam Althusser, mas com intervalos que lhes davam alguma esperança, o autor afirma que desde sua saída do hospital seu estado psíquico e emocional só se agravava, assim como a relação com Hélène tornava-se insustentável, a tal ponto que ela optara pela separação.

Sem ter para onde ir, Hélène permaneceu no apartamento da Escola Normal Superior evitando seu marido, situação que se tornou insuportável para Althusser, que vivia sob o temor de ser abandonado por ela a qualquer instante. Em suas palavras:

Eu estava torturado de angústia: já deu para compreender, eu sempre sentira uma intensa angústia de se abandonado e sobretudo por ela, mas esse abandono em

minha presença e a domicílio me parecia mais insuportável do que qualquer outra coisa. (Althusser, 1992: p. 222)

Dentro desse contexto conflituoso ambos foram pouco a pouco se distanciando dos amigos e do mundo além das portas do dormitório. Não respondiam aos telefonemas e não atendiam a porta quando tocava a campainha. René Diatkine, psicanalista que atendia o casal era a única pessoa com quem mantinham contato e quem insistia na necessidade de internação de Althusser. No dia 15 de novembro de 1980 foi a última vez que se encontraram, ocasião em que Diatkine convenceu o filósofo a se internar novamente, dessa vez no hospital que costumava recebê-lo nos períodos de crise. Mais tarde, descobre que Hélène havia se encontrado com o psicanalista nos dias 13 e 14 daquele mês para solicitar um prazo de alguns dias antes da internação do marido. Apesar da gravidade do adoecimento mental de seu paciente, o psicanalista teria aceitado o seu pedido. Então, em 16 de novembro Louis Althusser comete o assassinato de sua esposa, por estrangulamento.

Desse trágico ocorrido, guarda apenas a lembrança de que estava massageando-lhe o pescoço e depois se encontra ao pé da cama com Hélène deitada na sua frente. Seus braços estão extenuados, mas ele segue a massagem. Então repara que os olhos de sua mulher estão abertos e imóveis e uma ponta da língua está entre os dentes e os lábios. Dá-se conta de que está morta e, desesperado, procura o médico responsável pela enfermaria da Escola, que lhe medica e o encaminha para Sainte-Anne, hospital psiquiátrico para onde eram encaminhados casos como esse.

4.4 A inexistência, a impronúncia

O último capítulo do livro, XXIII, o autor o denominou de “Impronúncia” e é todo dedicado à transcrição das observações realizadas por um médico, amigo do casal, em relação ao texto autobiográfico que Althusser lhe apresenta. Não importa neste trabalho descrever tais considerações, porém há um dado levantado pelo médico que se refere a um suposto desejo de Hélène em ser morta por seu marido, hipótese baseada em diversos acontecimentos aleatórios, mas que encontra fundamentos no fato de que não havia sinal algum, seja em seu corpo ou no quarto onde estavam, de que ela teria tentado se defender.

Dessa forma, o médico e amigo de Althusser retoma um tema que permeia toda a narrativa: a busca pela autodestruição. Segundo seu raciocínio, o ato contra Hélène foi

mais uma tentativa do filósofo de anular a própria existência, esta tão questionada ao longo de sua vida. No capítulo anterior, XVII, o filósofo chega a conclusão que não estava de luto por Hélène, mas que sempre estivera por ele mesmo, por sentir que não existia por ele mesmo:

Na realidade, sempre estive de luto por mim mesmo, por minha própria morte, por mãe e mulheres interpostas. Como prova tangível de não existir, quis desesperadamente destruir todas as provas de minha existência, não apenas Hélène, a maior prova, mas também as secundárias, minha obra, meu analista e, enfim, eu mesmo. (Althusser, 1992: p. 244)

Ao se deparar com essa interpretação, a de que seus escritos representam uma tentativa de Althusser em existir por ele mesmo, somos convidados a refletir sobre o sentido de seu ato homicida: talvez a passagem para o ato tenha lhe libertado da sensação de inexistência ou, por outro lado, aproximou-o ainda mais da morte em vida, ao entrar para o anonimato e nunca ter saído desta última internação. E essa indagação é um dos objetos de análise de Luís Carlos Menezes no artigo *Um ato de ser* (1994)¹⁰. Para o autor a redação dessa autobiografia faz parte de um movimento de Louis Althusser de retomar sua vida em suas mãos, conferindo-lhe história, ainda que marcada pela fantasia da inexistência. (Menezes, 1994: p. 56)

E, além disso, é por meio dos escritos que, minimamente, o filósofo vive a separação dos corpos, no sentido de que confere à sua mãe uma história, bem como à Hélène, mulheres com quem viveu relações complexas e caracterizadas pela simbiose, nas quais Althusser confundia o que era seu próprio desejo e o que era do outro (Menezes, 1994: p. 56 e p. 57). Nesse sentido cabe lembrar a intenção de Hélène em separar-se do marido alguns meses antes ao seu assassinato, o que pode ser um indicativo da intolerância por parte de Althusser em relação aos desejos de sua mulher. Seu desinteresse parece causar-lhe a mesma sensação que tinha frente ao olhar que recebia de sua mãe Lucienne: a de inexistência. Percepção marcada não apenas por aquele olhar, mas também pelo nome que recebera de seus pais e que aludia a outro Louis Althusser.

No capítulo Análise (p. 53) serão aprofundadas as questões até aqui levantadas como a relação entre Althusser e sua mãe; a ausência do pai; bem como as particularidades

¹⁰ MENEZES, Luís Carlos. Um ato de ser. In: SIMPÓSIO O ASSASSINO, O LOUCO, O PENSADOR, O HOMEM: A CLÍNICA DO CASO ALTHUSSER, 1993, São Paulo. *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo, número especial, p. 49-58, 1994.

do casamento com Hélène, relacionamento no qual o filósofo atualizava os sentimentos e as percepções que mantinha frente à sua mãe.

A fim de situar o leitor quanto às trajetórias clínica, profissional e pessoal de Louis Althusser segue abaixo uma tabela com algumas datas significativas de sua vida¹¹, incluindo sua proximidade com a Psicanálise, em especial com Jacques Lacan.

Data	História Pessoal e clínica	Relação com a Psicanálise e Lacan	Relação com Hélène
1917	Morte de Louis (seu tio e, até então, noivo de Lucienne)		
Fevereiro de 1918	Casamento de Charles e Lucienne		
16 de outubro de 1918	Nascimento de Louis Althusser		
1939	Aprovação na École Normale Supérieure (Escola Normal Superior)		
1939 - 1945	Cativeiro durante a II Guerra Mundial		
Outubro de 1945	Começa a frequentar a Escola Normal Superior	Ouve Lacan em um ciclo de conferências sobre psicopatologia e discorda de suas idéias	
1946			Conhece Hélène
1947	Internação no Hospital de Sainte-Anne por conta de uma profunda depressão após a 1ª relação sexual com Hélène e de sua vida, aos 29 anos. 1º diagnóstico: demência precoce e tratamento medicamentoso sem sucesso 2º diagnóstico: depressão e tratamento com eletrochoques,		

¹¹ Informações selecionadas a partir do capítulo Cronologia Althusser, (Passos, in: A dor que emudece – Travessia Clínica de Louis Althusser. Rio de Janeiro, Faperj, 2006)

	considerado bem sucedido		
Novembro e dezembro de 1959		Assiste palestras sobre Psicanálise: a) psicanálise de crianças; b) aulas de Emmanuel Terray (seu aluno) sobre a psicanálise das psicoses, centrada em Freud e Melanie Klein; c) uma apresentação de Lacan	
1963	Realiza seminários sobre psicanálise, particularmente sobre Lacan, a quem conhece em dezembro.		
15 de janeiro 1964		Primeiro seminário de Lacan na Escola Normal Superior a convite de Althusser	
Outubro de 1964	Conhece René Diatkine (seu psicanalista)		
1965		Lacan procura Althusser em busca de seu apoio quanto a possíveis críticas quanto ao seu método psicanalítico, dado o suicídio de uma de suas pacientes	
1975	Morte de Charles Althusser (seu pai)		Hélène começa a ser atendida por René Diatkine
1976			Casa-se oficialmente com Hélène
16 de novembro de 1980	É internado no Hospital Sainte-Anne		Mata sua esposa no dormitório na Escola Normal Superior, onde moravam
Junho de 1981 – julho de 1983	Internação em Soisy, de onde sai com autorização de seu médico, para a casa de amigos e depois retorna para		

	o dormitório na Escola, onde amigos lhe faziam companhia		
11 de maio de 1981	Entrega o manuscrito de <u>O futuro dura muito tempo</u> nesse momento sob o título de “Breve histórico de um assassinato/ de uma noite a madrugada”		
15 de junho de 1985	Internação em Soisy, em decorrência a uma grave crise de hipomania		
22 de outubro 1990	Morte do filósofo Louis Althusser		

Figura 1: Panorama da trajetória clínica e vida pessoal de Louis Althusser

5. CAPÍTULO III: Outros nomes

Com o objetivo de fundamentar a hipótese do presente estudo, o terceiro capítulo desta pesquisa contemplará outros trabalhos pesquisados na literatura científica, cujos autores refletem sobre o tema do nome próprio como um dos elementos estruturantes do sujeito. São apresentados nesta seção a análise do psiquiatra e psicanalista Dr. João Sergio Siqueira Telles acerca do adoecimento psíquico de Van Gogh no artigo “O nome próprio e o desejo da mãe” (1999); o caso Pierre-Marie, paciente de Serge Leclair, cuja descrição do processo psicanalítico encontra-se no livro Mata-se uma criança – Um estudo sobre o narcisismo primário e pulsão de morte (Zahar Editores, 1977) e o relato do atendimento de duas bebês pela psicanalista Caroline Eliacheff, publicados no livro Corpos que gritam – Psicanálise com bebês (Ática, 1995).

Pretende-se relacionar esses outros exemplos com o discurso de Louis Althusser, apresentado no capítulo anterior, tendo em vista os aspectos comuns de cada história com a biografia do filósofo francês, com especial atenção para o sentido que o nome próprio adquire em cada uma das histórias de vida relatadas a seguir.

5.1 Van Gogh e Althusser – algumas coincidências

No artigo “O nome próprio e o desejo da mãe” Telles (1999) utiliza a análise do biógrafo Sweetman¹² sobre o acompanhamento médico de Vincent Willem Van Gogh no que diz respeito à sua saúde mental e aponta para uma característica da biografia do pintor que remete ao tema deste trabalho: a origem de seu nome. O artista nasceu em 30 de março de 1853, exatamente um ano após sua mãe ter dado à luz a um menino natimorto, e recebe o nome em homenagem àquela criança, que teria sido o primeiro filho de seus pais. Portanto, como Althusser, Van Gogh recebe o nome de um morto.

Relata o articulista que quinze dias antes de seu suicídio aos 37 anos, cometido em 29 de julho de 1890, ele teria recebido uma carta de seu irmão, Theo, a qual informava-lhe sobre o grave adoecimento de seu filho Vincent Willem – nome recebido em homenagem ao tio. Segundo informa Telles, o biógrafo formula a hipótese de que essa notícia teria agravado seu instável quadro psíquico (Sweetman, 1990, apud Telles, 1999).

¹² SWEETMAN, David. Van Gogh : His Life and His Art. Nova Iorque: Crown Publishers, 1990.

Do ponto de vista psicanalítico, Telles afirma que tal tese encontra sentido na medida em que ao saber do adoecimento de seu sobrinho, o artista impressionista teria atualizado e acentuado o sofrimento de ocupar o lugar de um morto, o que indicaria um conflito de identidade. Interessante o apontamento que Telles traz em seu artigo, no que diz respeito ao desejo da mãe de Van Gogh de nunca haver perdido aquele primeiro filho, representado pela repetição do nome na criança que nasce no ano seguinte, e que talvez, em sua fantasia, viria para ocupar o lugar daquele morto. E é nesse aspecto que se pode estabelecer um ponto comum às duas histórias, a de Louis Althusser e de Vincent Willem Van Gogh, no sentido de que talvez suas mães, por meio da nomeação de seus filhos, restringem a possibilidade de uma existência reconhecida em suas singularidades, em uma tentativa de negar a morte de um ente outrora desejado e amado.

Por último, o artigo de Telles chama a atenção para outro fato que, de certa forma tem importância para este estudo, e se relaciona com a biografia do filósofo francês apresentada no capítulo anterior: a hipótese de que o médico de Van Gogh (Dr. Gachet) haveria subestimado a gravidade de seu estado mental. O psicanalista retoma essa questão, levantada por Sweetman, sob o argumento de que após três tentativas de suicídio (a primeira, dois anos antes, quando o pintor corta as orelhas e duas posteriores por meio da ingestão de tintas e solventes), o artista, sob os cuidados do Dr. Gachet, tenta pela quarta vez tirar sua própria vida, dando-se um tiro no peito. A bala não atingiu nenhum órgão e, tendo sobrevivido, seu médico não teria tomado nenhuma providência quanto ao ferimento, nem mesmo quanto aos cuidados necessários para evitar outro ato suicida, como, por exemplo, tomar posse do revólver – com o qual Van Gogh se mata no dia seguinte.

Pode-se, a partir do conteúdo relatado acima, comparar a atitude de Dr. Gachet com a de René Diatkine (psicanalista de Althusser), quando este concorda com o pedido de Hélène sobre adiar a internação do filósofo, ainda que ele se encontrasse em um período de grave perturbação mental. Nesse sentido, ambos não intervieram de forma efetiva em cada um dos casos, e pela ausência de ação, colaboraram que as duas histórias tivessem um fim trágico.

5.2 Pierre-Marie e a escuta de um psicanalista sobre a origem do nome

No capítulo “Pierre-Marie ou Sobre a Criança”, Serge Leclair, importante psicanalista francês, aluno e analisando de Lacan, descreve como condição *sine qua non* para um

indivíduo tornar-se sujeito matar o *infans* (Leclaire, 1977: p. 10) termo utilizado por Lacan para referir-se à fase em que a criança ainda não adquiriu linguagem e, portanto, não filiou-se plenamente ao mundo simbólico. Trata-se do bebê do primeiro tempo do Édipo, o qual ocupa a posição de objeto fálico da mãe, o que lhe confere certa onipotência, pois vive a ilusão de que sua existência basta para satisfazer os desejos e fantasias maternas, bem como a mãe também se crê necessária e única no desejo de seu filho, conforme visto no capítulo I desta pesquisa. Além disso, é por meio da fala materna que a criança é incluída no âmbito social, estando, em um primeiro momento, completamente submetida a esse discurso que não lhe é próprio, o que lhe confere um estado de alienação, no sentido de assujeitamento ao desejo do Outro. Assim:

(...) é preciso que o psicanalista não cesse de perpetrar a morte da criança, de reconhecer que ele não pode realizá-la(...). A prática psicanalítica consiste em tornar manifesto o trabalho constante de uma força de morte: esta que consiste em matar a criança maravilhosa (ou aterrorizante), que de geração em geração, testemunha acerca dos sonhos e desejos dos pais; só há vida a esse preço, pela morte da imagem primeira, estranha, na qual se inscreve o nascimento de cada um. (Leclaire, 1977: p. 10)

O psicanalista acrescenta outro dado fundamental da vida psíquica do sujeito, que remete à questão dos desejos. Aquela criança, que um dia viveu a ilusão de que era perfeita aos olhos dos pais, atualiza-se a todo o momento, ou seja, busca-se sempre retomar aquele lugar fálico na fantasia do Outro - posição na qual, porém, não existe possibilidade de vida compreendida em seu aspecto desejante, já que esta se dá pela falta, pela frustração de ter que abandonar a situação primordial que permite a constituição do Eu, como sujeito dos próprios desejos. Assinala ainda, que a imagem da criança maravilhosa está relacionada aos aspectos narcísicos do sujeito, e é nela que se projetam de forma mais intensa os anseios dos pais, no sentido de que sua existência traz à tona aquela criança que eles mesmos tiveram que matar. “Existe para cada um, sempre, uma criança a matar, um luto a cumprir (...)” (Leclaire, 1977: p. 11).

Pierre-Marie procura o psicanalista por conta de suas fantasias suicidas, que se apresentam como resposta à insatisfação com a própria vida, esta restringida de prazeres: trabalha muito e, por isso, não consegue compartilhar os momentos de lazer junto à sua família (esposa e filha). Segundo a interpretação de Leclaire, seu paciente investe, ao mesmo tempo em que abafa a libido de suas pulsões no campo profissional e, assim, não colhe para si os frutos de seu investimento (Leclaire, 1977:

p. 19), na medida em que trabalha para satisfazer as demandas que sua carreira lhe impõe, como se profissionalmente agisse de forma semelhante à relação que mantém com seus pais: atende ao desejo de um terceiro.

A forte identificação de Pierre-Marie com a morte se revela por meio de uma recordação recorrente de um episódio em sua infância, no qual o pai teria afogado um filhote de cachorro. Por conta dessa lembrança e dos sentimentos que são evocados, fez-se necessário retomar em sua análise o tema da morte prematura de um irmão que ele não conheceu, mas que se chamava Pierre. No entender de Leclair, o ressentimento de Pierre-Marie em relação ao seu pai – devido ao afogamento do cãozinho – abriu o caminho para o tratamento psicanalítico, na medida em que foi possível reconhecer a relação da morte do animal com a de seu irmão, cujo responsável, na fantasia do paciente, poderia ser seu pai, ou sua mãe, ou qualquer outra pessoa.

O importante aqui é voltar a atenção para o sofrimento que aquela morte lhe causava – no plano real a do cachorro, e no simbólico a de seu irmão. Por quem o paciente sofria? Por ele mesmo, responde o psicanalista, e pela representação de seu nome no desejo de sua mãe: Pierre significava naquela relação substituir o irmão morto e Marie, o anseio de que ele fosse imortal, já que remetia à imagem da Virgem Maria. Sob essa perspectiva, parece que sua mãe, assim como Lucienne e a mãe de Van Gogh, negou-se a aceitar a morte daquele a quem estavam dirigidos seu amor e fantasias – nesse caso, a de seu primeiro filho – impondo ao segundo duas condições antagônicas, ele deve ser aquele Pierre morto e viver eternamente.

Segundo o relato de Leclair, seu paciente sempre fora um bom filho e mesmo adulto atendia aos interesses e necessidades dos pais com afeto, assim como o fazia com sua filha. O autor evidencia que desde muito cedo fora criado, a partir do desejo materno, um impasse na vida de Pierre-Marie, cuja constituição do representante narcísico primário¹³ relacionava-se com uma negação que operava em dois planos: o primeiro diz respeito à atitude de sua mãe frente à morte do primogênito; e o segundo refere-se à posição que Pierre-Marie é convocado a ocupar ao receber o nome de seu

¹³ Freud denominou de Narcisismo Primário a fase na qual a mãe se relaciona com seu filho de forma libidinal, projetando nele todas as suas fantasias e desejos inconscientes. Em relação ao bebê, ele os toma para si, como se fossem seus. É, portanto, esta fase que caracterizará os desejos inconscientes do sujeito e que na teoria lacaniana corresponde ao Estádio do Espelho, durante o qual começa a se formar o Eu Ideal, ainda identificado com os desejos maternos.

irmão, o que se coloca como um obstáculo para que se constitua como um sujeito reconhecido em sua singularidade.

Diante dessa situação, Pierre-Marie sente que para ser desejado por sua mãe, deve corresponder às suas expectativas, representadas pelo significante de seu nome, o que para ele resultava na identificação com seu irmão morto. Por outro lado, para viver é necessário que mate as duas crianças: o *infans* e seu irmão. Para tanto, deve frustrar duplamente as fantasias maternas, no sentido de que deve abandonar a posição fálica que ocupa na relação com ela, ou seja, matar o *infans*, bem como frustrá-la na fantasia de que ele seria o substituto vivo de uma criança morta. Disso decorre, segundo Leclaire, a dificuldade em viver de seu paciente. Ao colocar em xeque aquela representação narcísica primária obriga sua mãe a fazer um luto o qual havia se negado a realizar, tarefa que é feita, porém, com altos custos para aquele que sempre fora um bom filho. (1977: p. 20)

Ao relatar o atendimento desse paciente, Leclaire apresenta a árdua tarefa que se engendra na vida do sujeito desde o seu nascimento, a qual diz respeito à constituição de seu narcisismo primário. Tal estrutura é formada a partir de uma morte simbólica e do abandono da posição fálica na qual se insere a criança no desejo de seus genitores. Segundo Freud (1914)¹⁴, nessa relação primordial é possível observar que os pais atualizam e revivem seus próprios narcisismos, projetando para a vida que geraram as fantasias que não puderam realizar:

Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado. Como todos sabem, a nítida marca da superestimação, que já na escolha de objeto apreciamos como estigma narcísico, domina esta relação afetiva. Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições – que um observador neutro nelas não encontraria – e a ocultar e esquecer todos os defeitos(...). As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncias à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será o centro e o âmago da Criação. *His Majesty the Baby*, como um dia pensamos e nós mesmos”. (Freud, 1914: p. 36)

¹⁴FREUD, Sigmund (1914). Introdução ao Narcisismo In: *Sigmund Freud - Obras Completas*, v.12. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

Pierre-Marie era, portanto, o representante de três crianças na fantasia de seus pais: o filho morto e aquelas que um dia eles mesmos foram, às quais tiveram que renunciar para inserirem-se no campo simbólico e da linguagem, ou seja, para tornarem-se sujeitos. E em sua própria fantasia, o paciente via-se obrigado a matar duas crianças: a representação de seu irmão através de seu nome e o filho que aceita ser depositário dos desejos inconscientes de seus pais. É nesse sentido que se pode pensar sobre a relevância de uma escuta atenta por parte do psicanalista quanto aos elementos estruturantes do narcisismo primário de seu paciente, que podem ser revelados por meio do nome que receberam de seus genitores.

5.3 Outros casos: Bella e Zoé

Por último, segue o relato de dois atendimentos da psicanalista francesa Caroline Eliacheff com bebês que foram abandonados ou delegados para adoção desde o momento de seu nascimento, descritos no livro citado no início desta seção. No capítulo *Os bebês possuem linguagem* a psicanalista utiliza casos clínicos (dentre os quais foram selecionados os de Bella e Zoé) para demonstrar a relação entre sintoma e linguagem, compreendendo que a impossibilidade de expressar os sofrimentos por meio da linguagem pode levar à formação de sintomas físicos, sendo estes uma espécie de “linguagem orgânica” (Eliacheff, 1995: p. 17).

O tratamento psicanalítico do bebê, explica a autora, consiste em contar-lhe a origem da ruptura, de modo a colocar em palavras aquilo que a criança vivencia e, ao mesmo tempo, não é verbalizado, sendo expresso através do sintoma e que se caracteriza por uma falha no processo de simbolização. Nesse caso, contar sua história é um mecanismo para inscrevê-lo no mundo simbólico (por meio da palavra) e conferir-lhe identidade, ao resgatar suas origens, de modo que seja capaz de se apropriar de sua condição de sujeito.

A escolha pelos dois casos, acima citados, deu-se pelo seguinte motivo: ambas as crianças não receberam um nome de suas mães. Os sintomas desenvolvidos por Bella encontram uma possível relação com o olhar que recebe da parteira, que lhe confere um nome, e que se perpetua na relação com as cuidadoras do abrigo para o qual a menina é encaminhada.

Bella foi separada de sua mãe logo após seu nascimento e institucionalizada com apenas 15 dias de vida. Relata Eliacheff que a mãe pediu que a levassem embora

assim que deu a luz à menina, cujo nome lhe foi dado pela parteira que a achou muito bonita (Eliacheff, 1995: p. 31).

A menina chega ao consultório da psicanalista com quatro meses e meio de idade e a consulta se deveu ao fato de que em pouco tempo de vida já havia sido hospitalizada três vezes. A primeira ocorreu quando tinha cinco semanas de vida, quando teve que realizar uma cirurgia para a extração de uma hérnia de ovário, que acabou sendo retirado – ou seja, Bella foi privada desde o início daquilo que mais intensamente confere feminilidade a uma mulher: a maternidade. A segunda internação ocorreu logo em seguida, quando completara dois meses e os motivos foram bronquite, insuficiência respiratória e diarreia.

Seu caso chama a atenção da autora pelo fato de que apesar de todos acharem a menina encantadora, ela não se sentiu seduzida por sua beleza e, mais ainda, relata não ter sentido nada por aquela criança no instante em que a conhece, o que lhe causa grande desconforto. Nesse sentido, a análise desse atendimento lhe traz a seguinte constatação: Bella lhe transmitia a imagem de uma boneca inanimada, “sem nenhuma autenticidade” (Eliacheff, 1995: p. 33).

A partir dessa descoberta a autora chama a atenção para o fato de que Bella esteve sempre submetida ao impacto que sua beleza causava nas pessoas. Ela parecia não viver por si mesma, mas pela obrigação de ser alegre e sedutora, como se tivesse internalizado o sentido que seu nome dava à sua existência: o de ser bonita. Dessa forma, a doença foi o meio que encontrou para expressar seu sofrimento, o que é descrito da seguinte forma pela autora:

(...) Por ter impressionado a parteira por sua beleza, o processo de simbolização iniciado pela palavra ao receber um nome, provavelmente, articulou-se em torno dele. Por estar fragilmente ligada a uma fonte de vida efêmera demais, talvez tenha se forçado a encarnar o nome ao ponto de se tornar um robô. Bella era um bebê submetido ao que percebia como sedutoras exigências do meio, forçando-se a viver de maneira falsa: ela sorria tanto que (...) os adultos sempre a notavam mesmo de longe, provocando-lhe mais o sorriso, extasiados diante da aparente alegria de viver aliada à sua beleza, o que só confirmava seu modo de ser. (Eliacheff, 1995: p. 33)

Mais adiante, no relato desse caso, o leitor é informado que Bella desenvolveu varicela, doença que desfigurou seu rosto momentaneamente, mas que ao olhar da

psicanalista foi o começo de sua cura. A partir de então ninguém a obriga sorrir e a menina descobre que pode ficar brava, triste, e mais ainda, que pode expressar esses sentimentos sem que isso represente um risco de abandono por parte dos adultos responsáveis por seu cuidado.

O segundo caso é sobre uma menina, Zoé, que chegou ao consultório da psicanalista com três meses de vida e o motivo da consulta é uma diarreia permanente que resiste aos tratamentos médicos e agrava sua frágil condição de saúde em função da sua soropositividade para HIV. A criança é filha de mãe desconhecida e seu nome foi escolhido pelos funcionários da maternidade. A falta de desejo da mãe em relação à filha traduziu-se na falta de acompanhamento médico durante a gravidez, nas tentativas de aborto durante sua gestação, na falta de interesse em saber o sexo quando deu a luz ao seu bebê (ao qual se negou atribuir um nome, a dar-lhe vida simbólica) e, de forma mais expressiva, no abandono da criança, cujos cuidados foram delegados a um abrigo.

Eliacheff faz uma interessante correlação entre um episódio de parada respiratória que Zoé sofreu com cinco semanas de vida, quando saía de um banho, e a condição de seu nascimento. Segundo sua compreensão, a menina revive o trauma de seu nascimento e a parada respiratória é um sintoma da frágil ligação que a menina tem com a vida:

Ela parece entender, na realidade de seu corpo, o que foi seu nascimento: sair da água (o parto) a introduziu na ausência de vida (parada respiratória). (...) não consegue simbolizar a falta da mãe que não lhe deu a vida através da palavra [nome] e nem do desejo. (Eliacheff, 1995: p. 33)

Ainda em relação à parada respiratória, que quase levou Zoé à morte, a autora destaca a importância de se pesquisar a origem de qualquer sintoma manifestado por um bebê durante seus nove primeiros meses de vida, devendo o psicólogo interrogar aos pais, quando possível, se algo ocorreu na mesma idade intra-uterina. Nesse caso, ela levanta a hipótese de que a mãe de Zoé teria tentado um aborto nas primeiras cinco semanas de gestação.

Nos casos das recém-nascidas Bella e Zoé, pode-se supor que a falta de desejo por parte de suas mães em relação às suas filhas, e com isso a negação de um futuro para as vidas que geraram, expressos pela negação em atribuir-lhes um nome próprio,

tiveram efeitos nefastos em seus processos de subjetivação. Eliacheff mostra como a partir dos nomes que recebem da parteira, no caso de Bella, e dos funcionários da maternidade, Zoe, estas crianças estabelecem um modo repetitivo de relacionamento com seus corpos e com aqueles que as cercam.

Bella, que recebe esse nome em virtude de sua beleza e do encantamento que desperta nos adultos, esforça-se para manter essa impressão e garantir o cuidado e o afeto que precisa receber deles. O caso de Zoé, por outro lado, leva-nos a pensar que suas cuidadoras percebiam que a bebê parecia não querer sobreviver e lhe conferem um nome que, em grego, significa 'vida'. Uma hipótese possível para essa negação da própria existência pode estar associada à falta de investimento afetivo por parte de sua mãe durante a gravidez e o momento de seu nascimento. E até que encontre nas cuidadoras da creche o desejo de que sobrevivesse, a menina oscila entre a vida e a morte

Ao contrário de Althusser, Van Gogh e Pierre-Marie, as duas meninas não foram recebidas por suas mães para ocupar um lugar de morto, porém as tentativas de aborto da mãe de Zoe e o desinteresse da mãe de Bella pela menina podem ser compreendidos como um desejo de que aquelas crianças não existissem, de certa forma rejeitaram suas existências e é nesse aspecto que as duas histórias podem ser comparadas à biografia de Louis Althusser. Conforme sua percepção, a atitude de Lucienne, sua mãe, diante dele demonstrava uma recusa em reconhecê-lo como filho, o que causava no filósofo a sensação de inexistência, já que em sua fantasia vivia sob a lembrança de um morto a quem amara no passado. Há, contudo, uma diferença que se observa nessas histórias: enquanto Althusser recebe um nome que remete ao imaginário materno e, portanto, traduz um desejo; as mães das duas meninas sequer lhes atribuíram um nome, o que pode indicar a ausência total de expectativas frente àquelas vidas que geraram. Um contraponto interessante a ser explorado, mas não nesta pesquisa, por conta do objetivo que aqui se coloca.

Por fim, é interessante notar que o tratamento das duas bebês constituiu-se por desconstruir, ou dar novo sentido para suas vivências de rejeição e, no caso de Bella, a identificação com o nome que lhe foi concedido e que revela um olhar que recebia de cuidadores e adultos. Tem-se, então, um ponto comum com o atendimento de Pierre-Marie com Serge Leclair, cujo esforço foi re-significar a imagem com a qual o paciente se identificava por meio de seu nome: por um lado Pierre ligava-o à memória de um irmão morto e, assim, sente-se convocado a ocupar o lugar daquele, por outro,

Marie, relacionava-o com a imagem da Virgem Maria, o que Leclair interpreta como o desejo da imortalidade de seu filho. Em relação a Zoé, é possível pensar que não estava identificada com seu nome, que em grego significa vida, e portanto o trabalho psicanalítico poderia se guiar pelo desejo representado em seu nome, ou seja, de que sobrevivesse.

A partir dos casos aqui apresentados vimos de que maneira o nome próprio pode ser compreendido como um significante que traduz as fantasias inconscientes dos progenitores em relação à criança que geraram. Nesse sentido, pudemos notar que sobre Althusser, Van Gogh e Pierre-Marie havia uma expectativa de que preenchessem uma falta, representada pelos nomes que receberam de seus pais. No caso das meninas institucionalizadas, contudo, observamos os efeitos da ausência do desejo de suas mães, que se transformou em sintomas apresentados pelas bebês. Por outro lado, Eliacheff nos chama a atenção para os nomes que herdaram de suas primeiras cuidadoras e de que forma as duas crianças estavam identificadas com os sentidos naqueles transpostos. Portanto, é possível traçarmos algumas relações entre os casos até aqui estudados, o que será realizado no próximo capítulo.

6. ANÁLISE

Nesta seção analisarei os casos relatados nos capítulos dois e três deste trabalho, com ênfase para o estudo da história do filósofo Louis Althusser, que serve como objeto de estudo desta pesquisa. Além de constituir o principal material deste trabalho para a discussão da função estruturante do nome próprio, não se pode esquecer a relevância da trajetória de Althusser no campo da psicanálise, na medida em que sua obra contempla a teoria psicanalítica, especificamente os estudos de Freud e Lacan, aproximando-a da sociologia¹⁵. Ainda em relação ao conteúdo que aqui será analisado, é importante assinalar que para o objetivo desta pesquisa darei destaque para o nome atribuído aos sujeitos das histórias apresentadas, bem como seus significados na relação com as figuras maternas e paternas, sendo esse viés uma possível interpretação para a constituição do sujeito. Portanto não aprofundarei o tema do adoecimento de Althusser, bem como o de Pierre Marie e os sintomas apresentados por Zoe e Bella, mas retomarei alguns conceitos teóricos discutidos no capítulo um para realizar a análise desses casos.

6.1 O nome como significante de uma falta: Louis Althusser e Van Gogh

Para a análise da constituição da subjetividade de Louis Althusser, retomo o sentido que ele mesmo atribuía ao nome que lhe foi dado. Sentia-se à sombra de um morto a quem, em sua fantasia, o amor de sua mãe seria dirigido, o que poderia nos levar a uma hipótese de que sua identidade esteve desde muito cedo atrelada a uma falta vivida concretamente por Lucienne (mãe de Althusser). Em O futuro dura muito tempo – seguido de Os Fatos (Companhia das Letras, 1992), o próprio filósofo descreve da seguinte forma como se sentia em relação ao nome com o qual foi batizado:

Louis: um nome de que por muito tempo eu tive, literalmente, horror(...). Talvez esse nome dissesse um pouco demais, em meu lugar: *oui*, e eu me revoltava contra esse “sim” que era o “sim” ao desejo de minha mãe, não ao meu. E, sobretudo, ele dizia: *lui*, esse pronome da terceira pessoa que, soando como a chamada a um terceiro anônimo, me despojava de toda personalidade própria, e fazia alusão a esse homem às minhas costas: Lui, c’était Louis, meu tio, que minha mãe amava, e não eu. Esse nome foi desejado por meu pai, em memória do irmão Louis morto no céu de Verdun, mas sobretudo por minha mãe, em

¹⁵ Althusser, Louis. Freud e Lacan – Marx e Freud trad. Walter Jose Evangelista. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

memória daquele Louis que ela amara e não deixou, a vida inteira, de amar.
(Althusser, 1992: p. 42)

Nessa descrição encontram-se diversos elementos que podemos relacionar com conceitos da teoria lacaniana apresentados no primeiro capítulo. De início há um aspecto no discurso de Althusser que diz respeito à falta, essa que, conforme vimos, é estruturante do sujeito, entendido como um ser desejante. Sob a perspectiva do filósofo seu nome era um representante de uma falta e mais além, de uma morte. Assim podemos nos perguntar que função esse significante Louis exercia na relação com sua mãe? Não temos acesso direto ao discurso de Lucienne, mas a maneira como Althusser descreve essa relação pode nos indicar que, talvez, ela percebesse no filho uma possibilidade de reviver aquele amor perdido.

Se voltarmos para a teoria lacaniana conforme a compreensão de Bleichmar (1984), o significante pode ser entendido como algo material que substitui um objeto. Nesse contexto parece haver uma relação entre o Louis filho e o Louis morto no desejo da mãe, o que significa dizer que, talvez, ao batizar o filósofo com o nome daquele que fora seu noivo, Lucienne transmitisse um desejo, inconsciente, de que seu filho substituísse uma falta vivida no real, ou seja, a morte daquele a quem dedicava seu amor.

Seguindo esse raciocínio, seria possível interpretarmos que além de ser um significante, o nome, neste caso, apresenta um caráter fálico, na medida em que é o representante de uma falta. Portanto Louis é ao mesmo tempo um significante, dentro da compreensão lacaniana, porque é da ordem material (palavra escrita e falada) no qual algo foi inscrito, transposto, e diz respeito a um objeto perdido e desejado, e assim tem valor frente a outros nomes próprios que poderiam ser elegidos pelos pais de Althusser. Por outro lado, o relato do filósofo nos faz crer que, minimamente, sua existência significava para sua mãe reviver a relação amorosa que tivera com o outro Louis Althusser. Ainda que não tenhamos prova disso, o lugar no qual o próprio filósofo se colocava em relação à Lucienne nos remete a uma posição fálica, na medida em que ele mesmo acreditava que poderia suprir sua mãe quanto àquela falta. Tal constatação pode ser feita a partir do trecho extraído de sua autobiografia, quando o autor relata como se sentia frente à sua mãe: ora como objeto de seu desejo, ora como aquele que deveria salvá-la.

Diante desse doloroso horror, eu iria sentir permanentemente uma imensa e infinita angústia e a compulsão de me dedicar de corpo e alma à minha mãe, de

socorrê-la (...) e salvá-la de seu martírio e de seu marido, além da convicção inextirpável de que aquela era minha missão suprema e minha suprema razão de viver. (Althusser, 1992: p. 42)

Ainda no que diz respeito ao nome, retomemos ao que Goldgrub (2008: p. 367) denominou de hipótese fonético-fonoaudiológico-especular para descrever a primeira identificação constituinte do sujeito na teoria lacaniana. Tal proposição se relaciona com as falas, os gestos e os toques por meio dos quais a figura materna se relaciona com a criança, que os apreende segundo a perspectiva da mãe, ou seja, o filho toma para si o significado que ela atribui a esses significantes. Trata-se aqui do estágio do espelho, durante o qual, como vimos no capítulo um, o bebê experimenta através do olhar, dos gestos e das palavras da mãe a ele dirigidos a sensação de unificação de seu corpo.

No caso analisado parece haver uma correlação entre a forma como Althusser percebia o olhar de sua mãe (imagem especular) e o significante Louis (aspecto fonético-fonoaudiológico). Segundo o filósofo (1992: p. 42), seu nome trazia em sua composição gramatical uma partícula afirmativa, *oui* (sim, em francês), que o submetia ao desejo de sua mãe e um aspecto fonético que remetia a um terceiro, o tio morto, na medida em que a pronúncia de Louis é a mesma de *lui* (ele, em francês). E quanto ao olhar que recebia de Lucienne, afirma em sua autobiografia (1992: p. 54) que se sentia atravessado por aquele, que seria dirigido ao seu tio, cujo nome carregava.

Há outro aspecto do sentido atribuído ao seu nome que se relaciona com a teoria lacaniana quanto à constituição do sujeito que gostaria de destacar: a menção a um terceiro. Este sempre presente na relação de Althusser e sua mãe, que parece ser da ordem do imaginário e é representado pela memória do tio morto. Como exposto no primeiro capítulo (p. 21 e 22), é o segundo tempo do Édipo que marca a entrada de um terceiro na relação dual entre mãe e filho e que inicialmente é tido como um rival para a criança, na medida em que ela se dá conta de que há um outro a quem a mãe dirige seu amor: a figura paterna. Neste caso, podemos pensar que para Althusser é o tio que representa esse interventor e se estabelece como aquele que dá forma ao desejo de Lucienne. Tendo em conta que Charles, o pai do filósofo, era tido como ausente em relação aos filhos (Althusser, 1992: p. 44), é possível supor que Althusser tenha fixado o tio morto no lugar do terceiro imaginário, aquele que rege o desejo da mãe, já que em seu relato aquele é percebido como um adversário na disputa pelo olhar e amor de Lucienne. Tal constatação se fundamenta no fato de que em sua

autobiografia, o autor afirma que desde criança tentava satisfazer as expectativas de sua mãe a fim de seduzí-la, e o fazia por meio de características que acreditava serem comuns ao outro Louis Althusser, como a virgindade e o alto nível intelectual. (Althusser, 1992: p. 58)

Ainda no que se refere à interdição do desejo materno, o discurso do filósofo nos indica que o próprio Charles não atuou como um terceiro que castra a mãe e filho quanto à relação fálica estabelecida no primeiro tempo do Complexo de Édipo. Assim, a leitura do relato autobiográfico de Althusser deixa no leitor a impressão de que se estabeleceu uma espécie de pacto entre Louis filho e Lucienne, no qual cabia àquele atender às expectativas da mãe, mantendo com ela uma relação simbiótica, o que pode ser compreendido como uma tentativa de garantir seu amor. E se aqui uso o termo pacto para caracterizar o relacionamento entre ambos é porque Louis Althusser aceitou ocupar o lugar do tio, quando poderia se negar a fazê-lo, de modo a barrar o desejo de Lucienne, e assim, cumprir a tarefa de interditor. Quanto a essa última afirmação é preciso ter claro que tais decisões não se dão no campo da consciência, mas pelo contrário, de forma inconsciente. Com isso em mente, acredito que a ausência de uma figura castradora teve grande impacto para que aquele acordo se estabelecesse, por outro lado compreendo que a análise com Diatkine poderia ter auxiliado o filósofo a desocupar o lugar deixado por seu tio no desejo narcísico de Lucienne – tarefa difícil pelo caráter contraditório que apresentava: Althusser deveria matar aquele que já estava morto.

Podemos supor, então, que o nome próprio com o qual o filósofo foi batizado e por meio dele reconhecido no âmbito social, tenha contribuído para a formação de suas identificações, porém não de forma a singularizá-lo, sendo essa uma das funções do nome próprio segundo Berenstein (1988: p. 124), mas identificando-o com um morto, objeto de amor de sua mãe e um fantasma na vida de Althusser. A partir disso, compreendo que o filósofo constituiu-se como sujeito através do desejo de Lucienne e identificado com a imagem do tio, por conta de seu nome. Assim, se retomarmos os três tempos do Édipo, é possível que Louis Althusser não tenha passado para o terceiro tempo, na medida em que esteve sempre submetido ao semblante do irmão de seu pai, colocando a imagem do outro Louis como a Lei que governava o desejo materno e, conseqüentemente, o seu.

Com isso, proponho que ao longo do processo identificatório, que se dá pela passagem da criança pelo Complexo de Édipo, faltou à mãe de Louis Althusser que

ela reconhecesse e admitisse a entrada de uma terceira figura que intervisse no seu desejo em relação ao filho, inclusive no que diz respeito ao incesto. Segundo o relato do filósofo, temos a impressão de que é a fantasia a respeito do valor de seu tio quanto ao amor de Lucienne que faz o papel daquele terceiro interditor. E, ainda, por se tratar de uma figura imaginária, é possível que para Althusser seu tio tenha se fixado como o Outro, aquele que não está submetido à Lei, ele é a própria Lei e, nesse sentido, permanece como o falo de sua mãe. Como afirmado anteriormente, trata-se do pai do segundo tempo do complexo edípico, que inicialmente é tido pelo filho como alguém que é em si mesmo o responsável por suprir todas as faltas da figura materna.

O último elemento da trajetória de Louis Althusser que proponho analisar diz respeito à relação com sua esposa, Hélène. Como mencionado no capítulo dois deste trabalho (p. 35 e 36), o filósofo manteve com ela um relacionamento que em muitos aspectos se assemelhava à maneira como ele se sentia diante de Lucienne, sua mãe: enxergava em sua esposa uma mulher frágil e sofrida, a quem ele deveria cuidar e socorrer de todo e qualquer sofrimento. “Desde aquele momento [quando se viram pela primeira vez] fui assaltado por um desejo e uma oblação exaltantes: salvá-la e ajudá-la a viver!”. (Althusser, 1992: p. 108)

Como mencionei no capítulo dedicado à sua biografia, ao se deparar com essa frase o leitor de O futuro dura muito tempo – seguido de Os Fatos (Companhia das Letras, 1992) poderá se lembrar que Althusser quase utiliza as mesmas palavras para descrever a missão de sua vida, aquela que seria a razão de viver: salvar sua mãe de um suposto martírio vivido após a morte de seu noivo e ao longo do casamento com Charles Althusser. Além dessa coincidência no modo de enxergar mãe e esposa, no penúltimo capítulo o autor descreve em diversas passagens o caráter autodestrutivo de sua personalidade, (Althusser, 1992: p. 242 a 244) em especial no que diz respeito às relações com a Lucienne e Hélène, concluindo que vivera em luto por ele mesmo e à sombra de uma inexistência. E como prova de tal condição deveria destruir tudo que comprovasse o contrário: Hélène, todas suas obras literárias, seu analista e ele mesmo (Althusser, 1992: p. 244). Com isso, penso que ser batizado e registrado com o nome Louis Althusser revelou-se um grande peso na vida deste filósofo, que sempre esteve identificado com um morto homônimo, porém presente no desejo materno, esse que marca primordialmente a constituição do sujeito.

Tendo em vista a identificação do sujeito com os significados transpostos no nome que lhe foi atribuído, parece possível encontrarmos aspectos comuns entre as histórias de

Louis Althusser e Vincent Willem Van Gogh, conforme apontado no capítulo anterior (p. 43). Assim como o filósofo, o nome do artista impressionista se origina de um óbito: o primogênito natimorto de seus pais. Segundo nos indica Telles (1999) o adoecimento de seu sobrinho, que também se chamava Vincent Willem, teria colaborado com o agravamento do sofrimento psíquico do pintor. A partir dessa hipótese, compreendo que, como Althusser, Van Gogh não conseguiu se desvencilhar da imagem de um morto, cujo nome carregava e por meio do qual, penso, sua mãe teria traduzido o desejo de que o segundo filho a recompensasse pelo falecimento do primeiro. Portanto, o pintor esteve desde seu nascimento identificado através do desejo narcísico materno com um morto, o que pode ter se apresentado como uma dificuldade para Van Gogh no que diz respeito à formação de um eu que o distanciasse das expectativas de sua mãe.

6.2 O nome próprio como um elemento para a compreensão psicanalítica de alguns casos: Pierre-Marie, Bella e Zoé

Para dar continuidade à análise da pergunta que coloco nesta pesquisa – o nome próprio como um elemento presente na constituição do sujeito – passarei para os casos apresentados no capítulo três, dando enfoque para o tratamento psicanalítico realizado por Leclaire com seu paciente Pierre-Marie e Eliacheff com as bebês institucionalizadas, Bella e Zoé

O trabalho desses dois psicanalistas franceses encontram um ponto comum no que diz respeito à escuta dos sintomas apresentados por seus analisandos, correlacionando o sofrimento psíquico que cada um apresentava com suas histórias de vida, e, em especial à origem de seus nomes.

Conforme descrito no capítulo anterior, Pierre-Marie vai em busca do atendimento psicanalítico por causa de suas fantasias suicidas. No relato sobre seu paciente, Leclaire logo de início coloca em evidência a morte de um irmão mais velho daquele, morto antes que ele nascesse e que se chamava Pierre, apontando para a condição na qual se situava Pierre-Marie no desejo de seus pais: ser o substituto do irmão precocemente morto e imortal, sendo o primeiro representado pelo nome Pierre e o segundo pelo nome Marie, o qual o psicanalista relaciona com a imagem da Virgem Maria.

Como não poderia deixar de ser, o próprio Leclaire aponta elementos da psicanálise, utilizando especificamente conceitos lacanianos, para a compreensão desse caso apresentado no livro Mata-se uma Criança – Um estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte (Zahar, 1977). O primeiro deles se refere à criança do Estádio do Espelho e que entra no Complexo de Édipo a partir da ilusão de ser o falo da mãe. Leclaire refere-se a essa imagem que a criança faz de si mesma a partir da relação com sua mãe, como uma ilusão de perfeição. Nesse sentido, ele está se reportando ao *infans*, ou seja, ao filho do primeiro tempo do complexo edípico, etapa na qual o bebê é colocado como objeto fálico, aquele que supriria todas as faltas da mãe, ao mesmo tempo em que de sua parte aceita ocupar esse lugar.

Todo o trabalho realizado por Leclaire com Pierre-Marie esteve permeado pela necessidade de que seu paciente se reposicionasse frente ao desejo de seus pais, representados pelo nome que lhe atribuíram. Nesse sentido, compreendo que o desafio que se apresentava para seu paciente era semelhante à passagem da criança do primeiro tempo do Édipo para o segundo, quando ela deve aceitar que não é o falo da mãe. O que significa dizer que era necessário que Pierre-Marie matasse duas crianças, conforme a leitura de Leclaire (1977: p. 17 e 18), da qual compartilho: a primeira nos remete ao *infans* e à imagem de perfeição que a criança constrói acerca de si mesma a partir do desejo do Outro e a segunda está relacionada à condição de seu nascimento, que ocorreu após a morte do primogênito, à sombra do qual Pierre é convidado por seus pais a viver.

Se partirmos do pressuposto de sujeito presente na teoria lacaniana, ou seja, aquele que deixa a posição de alienação no desejo do Outro, devemos concordar com Leclaire quando este afirma que “(...) se quer viver [Pierre-Marie], deve, ao mesmo tempo em que destrói sua imagem de luz, (...) destruir o sonho de sua mãe” (1977: p. 19). Portanto, compreendo como fundamental a atenção que Serge Leclaire atribui à origem do nome de seu paciente, demonstrando que o nome próprio adquire a qualidade de significante, na medida em que nele se inscrevem os desejos inconscientes dos pais em relação a seus filhos.

Por último, gostaria de chamar a atenção do leitor para a semelhança do direcionamento da análise de Pierre-Marie e os três tempos do Édipo. Como discutido anteriormente, ele precisa querer sair da posição fálica em relação ao desejo materno e assumir as conseqüências da frustração que se impõe a ele e sua mãe, o que seria o correlato da passagem do primeiro para o segundo tempo. E ao aceitar que ele não

pode ser o substituto do irmão morto e nem mesmo imortal, dá possibilidade para que sua singularidade seja reconhecida. E tendo em vista o terceiro tempo edípico, no qual a criança se identifica com os pais, ao se dar conta de que eles também estão submetidos a uma lei exterior que interdita seus desejos e lhes confere uma falta, Pierre-Marie deve admitir que, mesmo sendo um bom filho, conforme aponta Leclair (1977: p. 19), não será capaz de cumprir o desejo de imortalidade e, portanto, deve reconhecer que nele também algo sempre faltará.

Finalizado o caso de Pierre-Marie, passaremos para a análise do relato de Eliacheff acerca de Bella e Zoé, também apresentado no capítulo anterior desta pesquisa. Retomo de forma breve as histórias dessas duas bebês atendidas pela psicanalista francesa. Bella foi encaminhada para um abrigo logo nas duas primeiras semanas que se seguiram ao seu nascimento a pedido de sua mãe que não demonstrou interesse pela filha desde o parto, negando-se, inclusive, a atribuir-lhe um nome. A menina é atendida por Eliacheff aos quatro meses e meio de idade por conta das diversas internações às quais esteve submetida nesse curto período de vida. Zoé também é levada ao consultório muito precocemente, aos três meses de idade, por conta de uma diarreia que resistia a todos os tratamentos medicamentosos e representava um perigo à sua vida, na medida em que era HIV positiva.

Ambas não receberam seus nomes por parte de suas mães; Bella é assim nomeada pela parteira responsável pelo seu nascimento e que, segundo relata Eliacheff, teria se impressionado com a beleza da recém-nascida; no caso de Zoé foram as enfermeiras da maternidade que lhe atribuíram seu nome. Portanto, ao contrário dos casos anteriormente analisados, essas meninas não ocupavam nenhum lugar no desejo de suas progenitoras, dado que se mostra não apenas pela recusa em cuidar de suas filhas, mas por não terem sequer conferido-lhes um nome, um dos significantes no qual algo se inscreve e marca o sujeito frente às expectativas das figuras maternas e paternas. Essa ausência vivida precocemente pelas duas meninas, que à época de seus atendimentos tinham meses de idade, é transformada em sintomas, portanto podem ser compreendidos como significantes pelos quais conseguiam expressar o sofrimento causado pelo abandono.

Apesar disso, conforme aponta a psicanalista francesa, as meninas sobrevivem às doenças, o que nos indica o papel fundamental cumprido por suas cuidadoras, na medida em que àquelas crianças atribuem um olhar, que minimamente lhes confere as primeiras marcas constituintes de suas identidades. Bella, como descrito no capítulo

anterior, primeiramente identifica-se com o significado traduzido em seu nome, o qual se relacionava com seu semblante que a todos impressionava e que, segundo Eliacheff (1995: p. 33), caracterizava-a como uma boneca, um objeto inanimado. Seguindo esse raciocínio, compreendo que seu adoecimento era o meio que encontrara para demonstrar a tristeza que se escondia atrás de seus sorrisos. Zoé desde muito cedo apresentava sinais de fragilidade e oscilava entre a vida e a morte, como se estivesse dividida entre a falta de desejo materno, expresso pelas tentativas de aborto durante sua gestação e o abandono desde o momento de seu nascimento, e o afeto que recebia de suas cuidadoras, que por meio de seu nome, cujo significado é ‘vida’ no idioma grego, convocavam-na à sobrevivência.

Para a conclusão e articulação das análises aqui apresentadas retomo a afirmação de Bernardino utilizada no capítulo Introdução (p. 2) desta pesquisa e que nos conduz à reflexão acerca do nome como um registro na linguagem dos desejos inconscientes dos pais ou daqueles que dessa função se ocupem em relação às suas progenituras ou de quem esteja sob seus cuidados.

O mundo que o bebê encontra ao nascer é um mundo de linguagem: já falam dele antes mesmo de seu nascimento. Dão-lhe um nome e inscrevem-no em um registro civil (...). Muito precocemente, passa a reconhecer seu nome e, mais ainda, percebe que o reconhecem nele. Faz esta operação abstrata que consiste em sacar que tem existência justamente ali onde não está: nesta palavra formada por uma determinada sucessão de fonemas que escolheram para representá-lo, cuja significação não vem dada e consiste em um enigma que lhe caberá decifrar. (Bernardino, 2006: p. 26)

Colocado dessa forma, “um enigma que lhe caberá decifrar”, o significante do nome próprio pode ser compreendido como um objeto da linguagem no qual algo é inscrito e transmitido, porém não em sua totalidade, pelos discursos materno e paterno em direção ao seu filho e que diz respeito às suas próprias fantasias narcísicas. Somado ao olhar e aos gestos, contribui para a unidade de um corpo vivido em sua desfragmentação pelo bebê, conferindo-lhe suas primeiras marcas identificatórias, o que em psicanálise se denominou de narcisismo primário e é formado a partir do Estádio do Espelho, na teoria lacaniana.

Mais ainda, pudemos verificar que os nomes Louis, Vincent Willem (Van Gogh) e Pierre-Marie significavam para as mães desses sujeitos a negação de uma morte, ao mesmo tempo que para eles, enquanto identificados como substitutos de um morto,

significava-lhes a morte, vivida na realidade pelos três: Louis mata sua esposa, como forma de anular a própria existência; Van Gogh se mata e Pierre-Marie tem ideações suicidas. Vimos também que a atenção, por parte do psicanalista, para essa característica simbólica do nome próprio pode devolver a singularidade àquele que recebe o nome de um outro que ocupa o imaginário da mãe e/ou do pai, desde que o sujeito seja capaz de frustrá-los quanto aos seus desejos e expectativas, ou seja, quanto aos seus ideais narcísicos.

Por outro lado os casos de Bella e Zoé nos demonstram a função fundamental e estrutural do desejo do Outro primordial, a mãe, para que o bebê sobreviva. Por meio do relato de Eliacheff e da análise que aqui proponho, pudemos verificar o sofrimento causado pela ausência de uma mãe desejante na vida daquelas duas meninas, que desde muito cedo foram privadas de um olhar e um nome que lhes possibilitasse a entrada no processo identificatório. Todavia, observamos que a presença de outras figuras cuidadoras no início de suas vidas pôde, minimamente, oferecer-lhes uma oportunidade de identificação com o desejo de um Outro.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa tentei demonstrar a partir da teoria psicanalítica, dos conceitos utilizados e dos casos apresentados e analisados como o nome próprio pode estar presente no processo de constituição do sujeito. Para tanto, utilizei o pensamento lacaniano em relação ao Complexo de Édipo, ao qual estão relacionadas as idéias de Estádio do Espelho, significante, falo, Eu Ideal e Ideal de Eu discutidos no primeiro capítulo (p. 13 a 26).

Conforme apontei na seção Análise deste trabalho (p. 53 a 62), pude observar, a partir do estudo da teoria psicanalítica lacaniana, como os desejos e as fantasias inconscientes das figuras materna e paterna podem ser transmitidos por meio do nome próprio, composto por diversos significantes, que, então, ganham um significado. Nesse sentido, parece razoável afirmar que a opção pela linha teórica esteve de acordo com o objetivo proposto, na medida em que o pensamento de Lacan traz a linguagem como um elemento que permeia toda a sua teoria, em especial nos conceitos a respeito do complexo edípico. E trabalhar com o nome é também lidar com a palavra, não apenas em seu aspecto gramatical, como também fonético, o que, portanto, nos remete ao campo da linguagem e sua importância na constituição do sujeito psíquico.

Há de se lembrar, ainda, que segundo a teoria lacaniana, significante não se refere apenas ao vocábulo, como o é para a lingüística, mas também a outros elementos como olhar, toque, gestos e outras formas de expressão, também compreendidas como linguagem. Dessa forma, não descarto a função fundamental desses outros significantes na relação mãe-bebê para que este se estruture enquanto sujeito, apenas procurei destacar que o nome próprio também tem esse papel: o de posicionar a criança e o sujeito quanto aos desejos materno e paterno. E mais ainda, assim como o bebê do Estádio do Espelho e do primeiro tempo do Édipo toma para si os desejos da mãe a ele dirigidos por meio do olhar, fala, gestos e toques, acredito que o mesmo ocorre em relação ao nome que lhe foi atribuído. O que significa dizer que, ao se reconhecer naquele nome, identifica-se com os conteúdos subjacentes a ele. Assim, há dois processos envolvidos no dar e receber um nome: o primeiro refere-se às fantasias narcísicas de quem o escolhe e o atribui a um determinado filho, transpondo naquelas palavras suas fantasias narcísicas e o segundo diz respeito à forma como aquele que o recebeu se identificará ou não com o conteúdo que em seu nome está inscrito – sendo que ambas operações ocorrem no nível inconsciente.

No que se refere ao aspecto inconsciente de dar e receber um nome, também vimos que por meio de um processo de análise, é possível que o sujeito compreenda, com o auxílio do psicanalista, os sentidos de seu nome e como se relacionam com a constituição de seu campo desejante, o qual tem origem, conforme exposto no capítulo um desta pesquisa, na relação com a mãe e, secundariamente, com o pai. A exemplo disso, lembremos do caso de Pierre-Marie, cujo trabalho com o psicanalista Leclaire, ou melhor, parte de seu processo analítico, esteve permeado pela necessidade de que aquele sujeito se desvencilhasse dos desejos de seus pais, representados em seu nome, para que, então se apropriasse daquilo que confere a um ser humano, segundo Lacan, a qualidade de sujeito: seus desejos.

A respeito do caso acima citado e das trajetórias de Louis Althusser e Van Gogh, observamos um ponto comum a todos eles e que se refere à origem de seus nomes, os quais foram escolhidos por seus pais não apenas em homenagem a um morto, mas, além disso, como uma tentativa de substituir e encobrir a morte de um ente querido. Portanto, sendo um nome um significante e, especificamente nessas três histórias, que representa uma falta, foi possível articulá-lo com o significado de falo na teoria lacaniana, sendo esse outro indício de que há um correlato entre aquela e a questão que aqui proponho.

Ainda em relação a esses três estudos de caso, gostaria de apontar para o leitor um tema o qual originalmente não fazia parte deste trabalho e que diz respeito à psicose. Se tivermos em conta que a ideação suicida pode ser um indicativo de melancolia, que em Psicanálise é caracterizada como uma forma de psicose, podemos pensar que ao receberem um nome de um morto, Louis Althusser, Van Gogh e Pierre-Marie estruturam-se e se identificaram com os desejos de seus pais, e por não superá-los viveram a angústia causada pela sensação de inexistência, conferindo-lhes uma estrutura psicótica. Seguindo esse raciocínio, penso que a partir da questão que aqui se coloca, seria possível estendê-la para um estudo aprofundado sobre a relação entre psicose e a herança de um nome de um morto, com o objetivo de refletir sobre as consequências para o sujeito que pode, dessa forma, ser submetido a um lugar no imaginário de seus pais como aquele que não existe mais. Portanto, na vida desse ser humano desde seu nascimento se apresenta uma contradição: ser o representante vivo de um morto. Seria interessante, portanto, pesquisar a estruturação psicótica, neurótica e perversa, relacionado-as com a questão do nome e a posição inconsciente do sujeito frente àquele.

Em contrapartida, gostaria de enfatizar que não pretendia em minha pesquisa aprofundar no adoecimento mental, questão que ao longo do trabalho esteve sempre presente e, acredito, em virtude dos casos selecionados para fundamentar minha hipótese. Devo dizer que antes de iniciar o trabalho, pensei em realizar entrevistas com sujeitos acerca da origem de seus nomes e como esta estaria relacionada com suas organizações psíquicas. Talvez esse seja um método interessante para explorar o tema, que pode demonstrar por outras vias, por exemplo entrevistas com gestantes, como aparecem nas escolhas dos nomes de seus filhos os desejos da mãe e do pai quanto àquele bebê. Tal proposta se origina de uma observação livre, feita a partir de conversas com psicólogas que trabalham em Unidades de Terapia Intensiva Neonatal. Nessas conversas, relataram terem observado que entre os bebês que nascem com sérios comprometimentos é comum que seus pais os denominem por Vitor ou Vitória.

Em relação ao principal objeto de estudo desta pesquisa, o caso de Louis Althusser, acredito que dele derivam diversos desdobramentos que aqui não foram contemplados, seja porque não dizem respeito ao tema, seja por conta da dimensão de um Trabalho de Conclusão de Curso, no qual é preciso fazer um recorte restrito sobre um assunto geral para que se obtenha uma boa discussão acerca da questão inicial. Devido ao seu papel de destaque no campo intelectual, inclusive no âmbito da Psicanálise, o impacto causado pelo seu ato homicida e por ele mesmo ter se submetido a um tratamento psicanalítico, com o Dr. René Diatkine, o estudo de sua trajetória pessoal, profissional e clínica ainda tem relevância para pensarmos questões como: o tratamento da psicose; inclusão social da população com transtorno mental; a ineficácia da internação de pacientes psicóticos ou com outros distúrbios mentais graves; o que leva o sujeito à passagem ao ato¹⁶; e a necessidade de um diagnóstico clínico no sentido de direcionar o tratamento e a escuta clínica.

A discussão dos casos das recém-nascidas Bella e Zoé serviu para introduzir a reflexão sobre os efeitos da ausência do desejo da mãe em relação à vida que gerou, que pode ser traduzida, inclusive pelo desinteresse em atribuir um nome para a sua criança. Contudo, por conta da idade das duas meninas à época de seus atendimentos com Eliacheff não é possível concluir de que maneira se identificaram com o nome que receberam. O relato da psicanalista aponta para uma possível

¹⁶ Segundo Allain de Mijolla, (2005: p. 177 e p. 178), a passagem ao ato pode ser compreendida como um mecanismo primitivo de atuação, do qual o sujeito lança mão para lidar com uma situação que se apresenta na realidade e é causadora de extrema angústia: "O ato (...) assemelha-se mais a uma descarga motora do que a uma ação apta a transformar a realidade. (...) a passagem ao ato do esquizofrênico e a do paranóico apresentam diferenças consideráveis, ainda que se trate nos dois casos de tentativas inadequadas para resolver uma situação de angústia insuportável".

identificação das duas meninas com seus nomes, porém não seria plausível admitir que compreendiam o significado daqueles significantes isoladamente.

Quanto à teoria, faltou explorar mais os conceitos de Eu Ideal e Ideal de Eu, tendo em vista a função identificatória do nome próprio, na medida em que este carrega uma história anterior ao sujeito e que diz respeito às expectativas por parte de seus pais e que formam o Eu Ideal. Por outro lado, também seria interessante se tivesse explorado de forma mais aprofundada o conceito de Ideal de Eu, formado a partir do narcisismo primário, equivalente ao Eu Ideal, mas que coloca o indivíduo como sujeito de seus próprios desejos, passagem possível apenas se ele tiver passado pelos três tempos do Édipo. Portanto o psicótico se constitui como um sujeito da linguagem, porém não do inconsciente, na medida em que não fez a passagem do plano imaginário para o simbólico.

Compreendo, assim, que esta pesquisa não se encerra em si mesma, mas ao contrário, aponta para novas perguntas a serem estudadas, possivelmente, em futuros trabalhos científicos. No campo da prática psicanalítica pode ser uma contribuição no sentido de uma escuta atenciosa a um dos elementos presentes no processo de constituição e identificação do sujeito, o nome próprio, na medida em que nesse estão inscritos os desejos inconscientes maternos e paternos, bem como a história familiar do paciente. Por último, a análise da origem do nome próprio pode ser um meio de trabalho terapêutico com sujeitos psicóticos, sendo esta uma alternativa que possibilite seu reposicionamento quanto ao desejo do Outro.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *O Futuro Dura Muito Tempo, seguido de Os Fatos*. Autobiografias. Org. e Apres. Olivier Corpet e Yann Moulier Boutang. Trad. Rosa Freire D'Águilar – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BERENSTEIN, Isidoro. *Família e Doença Mental*. Trad. de Adriana Friedmann – São Paulo: Escuta, 1988.

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. *O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição*. Org. Leda Mariza Fischer Bernardino. São Paulo: Escuta, 2006.

BLEICHMAR, Hugo. *Introdução ao Estudo das Perversões: Teoria do Édipo em Freud e Lacan*. Trad. de Emilia de Oliveira Diehl – Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

DOR, Jöel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Trad. de Carlos Eduardo Reis – Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ELIACHEFF, Caroline. *Corpos que gritam: Psicanálise com bebês*. São Paulo: Ática, 1995.

FREUD, Sigmund (1914). Introdução ao Narcisismo In: *Sigmund Freud - Obras Completas*, v.12. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FUKS, Mario. Frente à morte, frente ao mar. In: SIMPÓSIO O ASSASSINO, O LOUCO, O PENSADOR, O HOMEM: A CLÍNICA DO CASO ALTHUSSER, 1993, São Paulo. *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo, número especial, p. 59-68, 1994.

GOLDGRUB, Franklin Winston. *A Máquina do Fantasma: aquisição de linguagem & constituição do sujeito*. Brasil: Samizdat, 2008.

LACAN, Jacques (1957). *O Seminário – Livro 5 - As formações do inconsciente*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LECLAIRE, Serge. *Mata-se uma criança – Um estudo sobre o narcisismo primário e a pulsão de morte – Seguido de um texto de Nata Minor*. Trad. de Anamaria Skinner Styzei – Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

MENEZES, Luís Carlos. Um ato de ser. In: SIMPÓSIO O ASSASSINO, O LOUCO, O PENSADOR, O HOMEM: A CLÍNICA DO CASO ALTHUSSER, 1993, São Paulo. *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo, número especial, p. 49-58, 1994.

MEZAN, Renato. Um homem de luto por si mesmo: o caso Althusser. In: SIMPÓSIO O ASSASSINO, O LOUCO, O PENSADOR, O HOMEM: A CLÍNICA DO CASO ALTHUSSER, 1993, São Paulo. *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo, número especial, p. 69-80, 1994.

MEZAN, Renato. Que significa “pesquisa” em Psicanálise?. In: SILVA, Maria Emília Lino da (org.). *Investigação e Psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993, p.49-101.

MIJOLLA, Alain de. *Dicionário Internacional de Psicanálise*, vol. I. Trad. de Álvaro Cabral – Rio de Janeiro: Imago, 2005.

PASSOS, Marci Dória. *A dor que emudece: Travessia clínica de Louis Althusser*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2006.

TELLES, João Sergio Siqueira. O nome próprio e o desejo da mãe. In: Psychiatry On-Line Brazil. Disponível em: <<http://priory.com/psych/curr0999.htm#inicio>>. Acesso em: 19 mai. 2010.

VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. Pesquisa em Psicanálise. In: FILHO, Raul Albino Pacheco, JUNIOR, Nelson Coelho e ROSA, Miriam Debieux (org). *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*. São Paulo: Educ, Casa do Psicólogo, 2000, p.109-117.

VIOLANTE, Maria Lucia Vieira. Em defesa de uma Hipótese Diagnóstica. *Psicanálise e Universidade: revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise da PUC-SP*, São Paulo, n. 7, p. 133-150. 1997.